Inspirado por Tranca Rua das Almas



A GIRA

Tranca Rua das Almas

Valter Norberto Ramos

A GIRA
Tranca Rua das Almas

Por Valter Norberto Ramos

Esta obra foi intuída
pelo Exú Tranca Rua das Almas,
com o aval de seu médium trabalhador
Pedro Miranda (1938 – 2018).

“Nem só de pão viverá o homem” – Jesus Cristo

Agradecimentos

Quero deixar aqui o meu agradecimento explícito a algumas pessoas que foram fundamentais para que eu perseverasse e chegasse a publicação desta obra.

Difícil traduzir em palavras o que foi esta experiência de escrever um livro, pela primeira vez, já sendo intuído por um espírito de tão alta envergadura moral e de conhecimentos tão profundos e sólidos sobre os dois lados da moeda.

Sr. Tranca Rua das Almas é um amigo leal e fiel que me convidou há mais de cinco anos (quando visitei pela primeira vez a Cabana do Mestre Omulu) para realizar este trabalho, que curiosamente se iniciou e finalizou meses antes da partida de seu médium Pedro Miranda (1938 – 2018), ao plano espiritual.

Pedro Miranda, baluarte da Sagrada Lei de Umbanda, possuidor de uma mediunidade ímpar e dirigente espiritual de duas tendas umbandistas, foi quem me deu a grata oportunidade de aprender sobre a Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, ao me aceitar, sem nada questionar, na corrente mediúnica da Tenda Espírita São Jorge.

A ele, agradeço e reverencio, mesmo de forma póstuma, pois nada do que está aqui escrito seria publicado se eu não o tivesse conhecido.

Agradeço a Mãe Izabel, dirigente da Cabana de Santo Antônio, que foi a peça chave para que eu chegasse até a Tenda Espírita São Jorge e, com isso, iniciasse a minha caminhada sob a irradiação e proteção de Ogum Timbiri, nosso mestre espiritual. E também por ser em minha vida uma orientadora, mãe do coração e grande amiga, bem como seu esposo, Fernando, também o é.

Agradeço a minha esposa que é minha grande incentivadora em todos os projetos de cunho espiritual, além de ser o grande suporte nesta experiência que chamamos de vida.

Julieta, junto com nossa filha Victória, são flores plantada no jardim da minha vida encarnada que suportam tempestades e

vendavais, se mantendo sempre de pé e perfumando a minha caminhada.

Agradeço igualmente a meu pai carnal, Valter Martins Ramos, um entusiasta e fidelíssimo seguidor e defensor da espiritualidade maior, que me ensina a ter sabedoria para ouvir e entender que cada um é dono de sua própria verdade, e em seu próprio tempo.

Agradeço imensamente a minha amada mãe carnal, Dona Val, que me gerou em seu sagrado ventre e sempre batalhou muito para me ensinar o valor de uma vida digna.

Agradeço a minha madrinha de batismo, Dona Neta, que, sendo zeladora de uma tenda de Umbanda, foi minha primeira referência de trabalhos espirituais caritativos.

O meu muito obrigado aos irmãos da Tenda Espirita São Jorge, em especial ao meu irmão José Carlos - Tico, por me ensinar, desde o meu primeiro dia como médium da casa, o valor de ser médium da Tenda, sendo ela a sexta casa fundada sob as ordens do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Gratidão eterna a todas as casas de caridade que me acolheram quando precisei de amparo e me ensinaram, cada uma a seu modo, um pouco mais sobre espiritualidade (T.E.U.C.O., T.E.C.L., C.A.E.C.P.A., C.E.C.O., C.A.S.A.).

Obrigado meu irmão Nelson Arruda, pois foi através das nossas incontáveis conversas e das viagens que fazíamos com o Pedro que muito pude aprender ao ouvir tantos relatos.

Obrigado meu irmão Gregório Brandão, atual Presidente da UEUB, e a toda a equipe desta instituição.

Por fim, agradeço a três amigos espirituais a quem muito devo... Sr. Marabô das Almas, Dona Maria Mulambo das Sete Encruza e Dona Sete Catacumbas.

Saravá Umbanda!
Laroyê Exu!
Laroyê Pomba Gira!

Valter Norberto Ramos

Prefácio

Sem caridade não há salvação!

Uma frase instituída dentro do cerne espírita que ligou as mais diversas ramificações religiosas no contexto da história do Espiritismo. E eu vos pergunto: como falar de exus e pombo giras sem usufruir ao máximo dessa celebre frase?

Se você conhece a natureza das entidades chamadas de esquerda, mas nunca se perguntou quem elas são de verdade, recomendo humildemente que leia esse livro e, tenho certeza, que ao se deleitar com a leitura fará uma importante quebra de conceitos enraizados na cultura popular sobre essa tão polêmica e adorada linha da natureza umbandista.

E se você é aquele que conhece muito bem a natureza dessas entidades, recomendo também a leitura, pois tenho certeza de que certos estigmas serão proporcionalmente quebrados a medida em que observar que o dia e a noite não são opostos, mas sim um conjunto natural necessário para a preservação da vida.

Os estigmas religiosos imputados a essas entidades e inconscientemente absorvidos pelos mais fervorosos devotos delas em todo o Brasil, são decompostos nesta obra que retrata uma única sessão espiritual, dirigida pelo Exú Tranca Ruas das Almas.

De forma simples e objetiva, ele traz conceitos valorosos dentro da seara das leis espirituais que nos fazem refletir e repetir as seguintes perguntas em nossas mentes: Exus e pombo giras fazem assim? Eles agem assim? Evocam o ensinamento do Espírito Santo? São seguidores das leis de nosso irmão maior, o Jesus de Nazaré?

Deixo a resposta para os leitores, que sairão das páginas desta obra com um conhecimento diferenciado sobre essas entidades e que entenderão que a maioria dos conceitos aprendidos sobre exus e pombo giras, mesmo aqueles enraizados em muitos templos espirituais, são, em sua grande maioria reflexo da rejeição conceitual.

Juliano J. R. Andermann

Preparativos

“Cangira, deixa a gira girar...”

Sou amigo, sou sincero e sou leal! – **T.R.A.**

“...É madrugada, é madrugada, Sr. Tranca Rua saiu para trabalhar. É madrugada, é madrugada, Sr. Tranca Rua saiu para trabalhar... Caminhando pela estrada, para os aflitos consolar... estendeu a sua mão... para os caídos levantar...”

Cantava o Dirigente Espiritual na varanda. Era um senhor de setenta e dois anos, cabelos totalmente brancos, estatura mediana, pele clara e barba por fazer. Trabalhador da Sagrada Lei de Umbanda há cinquenta e tantos anos.

Estava sentado em sua cadeira de balanço. Cansado, fumando seu cachimbo velho, com os olhos cerrados e a mente voltada à absorção de mensagens astrais. Antevia o que

aconteceria na gira que estava para começar em duas horas, através de seu companheiro de longa jornada que sempre o preparava transmitindo informações significativas.

Naquele instante, em que a concentração era praticamente inabalável surgiu uma dúvida em sua mente, coisa que não era comum, e que o fez abrir os olhos indagando em voz baixa: Mas, porque isso agora, meu amigo? O que a suprema ordem das almas pretende com essa mudança repentina nos trabalhos? Tornou a cerrar os olhos e voltou a se concentrar buscando respostas.

Como era de costume, Jair, um senhor que beirava os setenta anos, foi o primeiro a chegar ao Templo, trazendo consigo sua inseparável mala que continha inúmeros utensílios pessoais, vestindo seu terno desbotado e sapatos maiores que seus pés. Dizia ele que eram maiores para não maltratar aqueles que o levam a todos os lugares.

Adentrou no salão principal e sentou-se na assistência, voltando seus pensamentos para a sua grande saudade. Após alguns minutos, voltado nas recordações que traziam consigo lágrimas e tristeza, Jair abriu seus olhos e entrou em estado de choque.

Olhando em direção ao gongá, pode ver por um pequeno instante sua companheira que há tantos anos o deixará para seguir na vida além-túmulo. Jamille aparecia vestida de branco e acompanhada por um senhor de baixa estatura, negro, barbas brancas e usando vestimentas que ele, Jair, não conseguia identificar, pois mudavam de tom e forma a todo instante.

Fechou os olhos com firmeza e tornou a abri-los para certificar-se de que não estava sonhando. Mas, nada mais pode ver senão o salão vazio da mesma forma que encontrará ao adentrar minutos antes.

Jair não tinha quase nenhum conhecimento sobre espiritualidade e após vinte e três anos frequentando este templo, permanecia da mesma forma. Isso se dava devido ao propósito que ele mantinha em sua mente todas as vezes que ia à gira. Vinte e três anos sem se permitir absorver nada que não fosse ligado ao seu propósito.

“...Hoje tem alegria... hoje tem alegria... hoje tem alegria, no dia de hoje, hoje tem alegria...”

Cantarolava sem parar Dona Dalva, uma bela senhora com espírito jovem, no auge dos sessenta e dois anos, cabelos tingidos de um preto desbotado, estatura baixa e formato um tanto arredondado.

Vestida com seu uniforme impecavelmente branco, passava pela varanda da casa cumprimentando o dirigente espiritual e seguindo às pressas para dentro do templo, a fim de colocar as coisas em ordem para o início dos trabalhos espirituais.

Carregava consigo um amarrado de velas brancas, pembas brancas e um balde cheio de rosas vermelhas. Era de costume dela ornamentar o ambiente todo último sábado de setembro com muitas rosas vermelhas tendo como intuito aquecer os corações gelados que ela, por ser uma médium com sensibilidade alta, conseguia sentir em alguns irmãos que aportavam naquele sagrado templo trazendo consigo dores e desamores, naquele dia específico.

Adentrando ao salão principal com rapidez, acabou não percebendo Jair sentado na assistência. Fez sua saudação aos pontos de força e desta vez demorou mais do que o normal em um deles. Sentiu uma energia vigorosa tomando conta de seu corpo e acabou entrando em estado de transe. Por alguns instantes se manteve de pé diante da imagem que sincretiza Omulu na Umbanda, São Lázaro, sendo observada pelo olhar vazio de Jair.

Ao se conectar com esta energia, Dona Dalva começou a ouvir uma mensagem muito importante tendo como transmissor o mentor principal da Casa. O acontecido deixou-a surpresa, pois não era comum este tipo de manifestação e, menos ainda, antes da gira. Seu coração acelerou com o teor da mensagem e a alegria que já era grande simplesmente por estar ali, aumentou.

Saindo do estado de transe, que durou quase cinco minutos, postou-se aos pés da imagem, agradeceu e continuou seus afazeres, agora com menos pressa e maior concentração.

Ao se aproximar da imagem de Xangô, percebeu Jair sentado na assistência olhando para ela e o cumprimentou com um largo

sorriso dizendo:

- Sr. Jair, boa tarde! Acabei entrando às pressas e não percebi o senhor. Me desculpe, tá?

Jair, da mesma forma que estava permaneceu, resmungou alguma coisa olhando para baixo, voltou-se para sua mala e fez como se estivesse procurando algo. Era uma atitude já conhecida por todos que acreditavam que Jair fazia isso para não ter que iniciar um diálogo.

Dona Dalva, então, deu início a ornamentação do ambiente, colocando as velas em seus devidos lugares e as pembas na mesinha da Preta Velha. Terminada essa tarefa, sentou-se diante do gongá, fez uma breve oração, pegou metade das vinte e quatro rosas e antes de começar a despetalá-las, entoou um canto que era um costume cantarolar naquele dia específico.

“...Rosa vermelha, eu vi nos cabelos dela, rosa vermelha, no meio uma rosa amarela... Rosa vermelha, eu dei pra ela e ela só quis uma rosa amarela... Uma rosa firme em suas mãos, Sete Catacumbas nos dê sua proteção...”

Chegando próximo ao horário de iniciar os trabalhos espirituais, o Dirigente Espiritual deixou seu cachimbo já apagado em sua mesa, levantou com certa dificuldade e se dirigiu ao quarto para trocar de roupa, pensando em uma cantiga muito antiga...

“...*Todo mundo quer Umbanda... Mas, ninguém sabe o que é Umbanda... Umbanda tem fundamento...* e quanto fundamento, meu Deus... quanto fundamento! ...”

Os médiuns foram chegando pouco a pouco e, como de costume, ao adentrarem no terreno do Templo, foram saudando a Casa das Almas e as firmezas dos Exus e Pombas-giras e seguindo diretamente ao vestiário para trocarem de roupa e terminarem de se paramentar.

Dona Dália e Seu Pietro chegaram para visitar o terreiro pouco depois dos primeiros médiuns da corrente.

Dona Dália beirava os sessenta anos, estatura baixa, pele clara e cabelos castanhos bem compridos. Possuía um vigor invejável e era dona de uma língua bastante afiada quando se tratava de defender seus ideais e seus amigos.

Já o senhor Pietro era um típico lorde inglês. Falava pouco porém, as palavras eram precisas, cirúrgicas, sempre muito bem empregadas em momentos de dificuldade. Era um belo senhor de cabelos loiros desbotados, com sessenta e um anos, olhos azuis e estatura alta. Descendente de Italianos e extremamente observador.

Ambos eram dirigentes de uma casa de caridade e amigos inseparáveis do dirigente do Templo. Trouxeram consigo parte dos seus médiuns pois era pratica costumeira participarem da gira no templo uma vez por mês.

Tão logo chegaram, foram direto à casa do dirigente para saudá-lo. Sempre contavam os dias para poder dar e receber aquele caloroso abraço. Enquanto isso, os médiuns de sua casa de caridade seguiram para o vestiário.

Entrando pela varanda, Dona Dália o chamou com uma intimidade que somente os mais próximos faziam:

- Painho, onde tá tu?

- Opa! Quem vem lá? Estou terminando de vestir a fantasia!

Sr. Pietro, criado em ambiente católico tradicional até os vinte e seis anos e levado à Umbanda por Dona Dália, sua segunda esposa, olhou-a e disse:

- Dalinha, para que esse alvoroço? Deixe o homem se aprontar enquanto esperamos aqui fora.

- Pietro, você e seus protocolos, retrucou ela.

O dirigente espiritual saiu à porta e abriu um grande sorriso, como se não os visse há anos. Abriu seus abraços e amparou Dona Dália entre eles, dizendo:

- Que enorme prazer minha filha... como está a vida?

Dona Dália, enquanto o abraçava, pedia aos mentores espirituais que mantivessem o dirigente junto deles por mais longos anos, pois foi através dele e da cúpula espiritual do Templo que ela começou a compreender de verdade o sentido do trabalho espiritual na Sagrada Lei de Umbanda.

- Ôh, meu pai! Está tudo, como diz o senhor, na mais perfeita desordem!

E os dois deram uma longa gargalhada e se saudaram como Dirigentes Espirituais que são. Dália havia sido filha daquele Templo durante quase vinte anos.

- Pietro, meu amigo, que bom ter você conosco neste sábado iluminado, disse o dirigente.

- Eu que agradeço a oportunidade de continuar a desfrutar dessa gira que certamente não é melhor que nenhuma, porém faz um bem danado a todos aqueles que aqui chegam!

O Dirigente, por um instante, fica em silêncio e em seguida diz:

- É, meu amigo, não são todos que conseguem ver, ouvir e sentir o que os mentores falam constantemente. Daqui a mais ou menos quinhentos anos a humanidade vai começar a compreender o real sentido da vida, seja aqui ou no além-túmulo.

Voltando sua atenção ao portão de entrada, enquanto o casal de amigos falava sobre alguns trabalhos ocorridos em sua casa de caridade, o Dirigente, com olhar atento, observou um senhor de meia idade, muito bem vestido e andar elegante adentrando ao local, saudando a porteira e seguindo em direção ao salão principal. Ele estava acompanhado por um espírito de feições mórbidas e magreza incomparável.

Neste instante, seu amigo espiritual o intuiu com a sensação de que não era a primeira vez daquele espírito no Templo e que parte do trabalho seria voltado aos dois, exatamente como ele havia antevisto minutos atrás.

Sem mais demora, o Dirigente convidou o casal de amigos para com ele seguirem em direção ao salão, afim de que ele pudesse acompanhar os preparativos finais e iniciar os trabalhos espirituais.

Ariomar, um jovem moreno de estatura baixa, careca e de poucas palavras era o ogã oficial do Templo. Portador de uma ingenuidade incomum acompanhada de um coração limpidamente puro, estava perto de completar vinte e cinco anos, e desde criança acompanha os trabalhos daquela casa santa.

O jovem deu início à preparação do atabaque, apertando o couro e tentando afiná-lo com algumas batidas nas pontas e no centro. Utilizando sua audição apurada, entendeu que o som estava à contento. Deu três toques sutis e entoou uma cantiga baixinho, tocando bem de leve o atabaque.

"...*É hora, é hora, é hora do santo, é hora! É hora do santo, é hora, seu Ogum é quem vem agora! É hora do santo, é hora, seu Ogum é quem vem agora! ...*"

Com o atabaque devidamente afinado, Ariomar posicionou-se de forma costumeira à esperar o início da gira e entrou em prece.

Carminha, uma jovem mulata que se aproximava dos vinte e dois anos, dona de uma beleza diferenciada, esguia e cabelos sempre trançados, olhos amendoados e penetrantes, sentou-se ao lado de Dona Dalva pedindo sua benção e se colocando à disposição para ajudá-la.

Carminha era uma excelente médium de mesa e também trabalhava na cura. Dona Dalva já havia tratado as rosas e agradeceu o auxílio da jovem, solicitando que ela fosse no jardim e trouxesse uma rosa branca e duas amarelas. Dona Dalva mantinha duas roseiras em sua casa e cuidava como se fossem suas filhas.

Carminha achou aquilo bem estranho, pois Dona Dalva sempre utilizava apenas rosas vermelhas, em dias como aquele. Foi correndo buscar as rosas e ao voltar entregou-as para Dona Dalva que convidou a moça para ajudar na distribuição das flores pelo ambiente, pois o tratamento das rosas cabia somente a ela.

A demora na finalização do trabalho se deu devido à mensagem deixada pelo mentor do Templo que instruiu Dona Dalva a fazer algumas coisas que não eram costumeiras, como despetalar doze rosas vermelhas depositando em cada pétala uma palavra de consolo e esperança, seguido de oração fervorosa ao iniciar o processo com cada rosa.

Célio, braço direito do Dirigente, um senhor de cinquenta e quatro anos, esguio e com feições rústicas, adentrou no salão com o defumador. Pouco agradável com aqueles que não faziam parte de seu círculo, tinha como diferencial ser um dos mais fiéis

trabalhadores do Templo, sempre ouvindo e seguindo as instruções dos mentores.

O médium iniciou a defumação do ambiente antes de começar a gira. Começou pelo gongá, onde ficavam as imagens que sincretizam os Orixás com os santos católicos, passou pelos cantos, onde se encontram as duas grandes firmezas do Templo representados por São Lázaro e Iemanjá e, em seguida, a sagrada mesa de Umbanda, onde o trabalho de corrente tem maior concentração energética. Seguiu então para os outros dois pontos de força representados pelas imagens de São Jorge e São Jerônimo.

A prática de defumar o salão antes de iniciar os trabalhos no plano material, era diferente de muitas outras casas, e foi iniciada segundo instruções deixadas pela Preta-Velha que é a segunda na cadeia hierárquica da cúpula espiritual do Templo.

Uma doce senhora, portadora de uma sabedoria milenar e uma paciência típica dos Vovôs e Vovós de Aruanda. Em algumas oportunidades, realizava trabalhos individuais para despertar algumas faculdades mediúnicas nos médiuns da corrente do Templo. Era perita, como diziam, em relacionamentos conturbados, pois de toda história trágica aos olhos terrenos ela extraia uma mensagem angelical que, de fato, acalmava os ânimos e iniciava um processo de reforma íntima.

“...Não me mexa com baiana, baiana não é de brincadeira. Não me mexa com baiana, baiana não é de brincadeira. Eu sou filho de baiana, não nego meu natural. Baiana dá, auê, baiana tira. Baiana leva para as ondas do mar. Baiana dá, auê, baiana tira. Baiana leva para as ondas do mar....”

Esse era um ponto que todos amavam cantar, pois retratava exatamente este processo de libertação que a Vovó tinha tanta facilidade em iniciar dentro de muitos consulentes que a procuravam. Dando colo e tirando mazelas. Levando os piores pensamentos para o fundo do mar.

Acabado o processo de defumação, e com a ornamentação pronta, os médiuns do Templo e os médiuns visitantes se colocaram

lado a lado na corrente mediúnica aguardando o Dirigente indicar o início dos trabalhos. Naquele instante de silêncio, entrou pela porta lateral um jovem de pele morena clara, cabelos curtos, estatura mediana e olhos atentos.

Esbaforido, cumprimentou a todos e passou como uma flecha para o vestiário. Era conhecido por todos pelo seu jeitão descontraído e espalhafatoso, beirava os trinta e poucos anos e era carinhosamente chamado de Junior, devido a ter o mesmo nome de seu pai. O rapaz se arrumou em um piscar de olhos, passou pela assistência e parou ao lado de Jair, que se mantinha em silêncio fúnebre voltado a pensamentos possivelmente vazios.

- Sr. Jair, como está tudo? Firme, muito firme ou firmíssimo? Sorriu, Junior.

Jair balbuciou qualquer coisa, olhou para baixo e começou a mexer em sua mala, como de costume.

Pessoas antigas, antigos hábitos, pensou Junior, adentrado ao salão principal. Saudou rápida, porém respeitosamente, todos os pontos de força do terreiro e caminhou em direção ao Dirigente para saudá-lo. Enquanto caminhava, observava que havia algo diferente. Diminui a pressa e passou a olhar todo o salão.

No centro havia a mesa, onde era feito o trabalho de corrente em todas as giras, porém em cima dela havia pétalas de rosas espalhadas. No centro da mesa três copos com agua, em posição triangular, quando normalmente era utilizado apenas um. Dentro do copo mais próximo a cabeceira que o Dirigente se sentava ao iniciar os trabalhos, uma rosa branca, no copo da esquerda uma rosa amarela e no copo da direita uma rosa vermelha. Não compreendeu, mas continuou a observar o restante do salão. No chão da porta de entrada principal muitas pétalas de rosas vermelhas espalhadas, assim como em frente ao gongá, só que estas, em formado de crucifixo com uma rosa amarela no centro.

Chegando bem próximo do Dirigente, percebeu a presença de Dona Dália e Sr. Pietro, ambos pessoas por quem ele nutria a mais alta consideração. Saudando o Dirigente com um aperto de mão e um abraço fraterno, foi em direção a Dona Dália, com um sorriso reluzente dizendo:

- Minha mãe, que satisfação encontrar a senhora aqui. Mas, me diga uma coisa, não é sempre o terceiro sábado de cada mês que a senhora vem?

- Meu filho, eu também me surpreendi! Dona Jurema deixou ordens expressas para virmos no dia de hoje e não no deu maiores informações. Por isso estamos aqui!

- Ah... se foi ordem é para ser cumprida! Teocracia, como a senhora mesmo fala! Sorriu

- Sim meu filho, teocracia! E vamos trabalhar!

Após um abraço apertado em Dona Dália, Junior se voltou ao Sr. Pietro, apertando sua mão e dizendo:

- Ôh, meu amigo Pietro... que bom lhe ver!

- Junior, onde a Umbanda me chamar, lá estarei presente e sei que você tem esta mesma postura. Por isso, vamos aos trabalhos!

- Certamente, meu amigo Pietro, certamente!

Junior saudou então aos outros membros da corrente, os quais também só via uma vez por mês, pois era médium de outra Casa de caridade. Mantinha este hábito de se fazer presente em alguns trabalhos por se identificar com o Templo. E também por ser este, uma ramificação de sua Casa de origem.

Passando por Dona Dalva, que estava sentada em uma cadeira devido aos esforços realizados na ornamentação, saudou-a respeitosamente e disse ao abraçá-la:

- Dona Dalva, quanta mironga nesta nova arrumação hein? Não entendi metade das coisas, mas achei muito bonito, pelo menos! Sorriu.

- Meu querido, como nosso amigo diz: há mais mistérios entre o céu e a terra... e a verdadeira beleza não está no que se vê com os olhos materiais!

- Sim, senhora! Já captei o recado!

Junior se posicionou na corrente do lado dos homens e entrou em prece para poder haurir as energias contidas naquele ambiente. Aprendeu com o Dirigente do Templo que para um melhor trabalho mediúnico é preciso estar perfeitamente conectado ao propósito crístico, de modo que sua energia una-se com a energia de todos os presentes na corrente. Umbanda, trabalho de corrente!

Com todos devidamente posicionados o Dirigente levantou-se lentamente, com ajuda de Célio, e se dirigiu ao centro do terreiro. Permaneceu em silêncio durante alguns segundos, olhou para todos os médiuns, fez o sinal da cruz sendo seguido por todos os presentes e iniciou os trabalhos dizendo:

- SARAVÁ SANTO ANTONIO DE PEMBA! SARAVÁ OGUM! SALVE O DIA DE HOJE!

Início

“...O sino da igrejinha faz belém, blém, blom...”

O que acontece em uma sagrada gira de Umbanda
não deve ser comentado! – **T.R.A.**

Os médiuns que trabalham no Templo juntamente com alguns consulentes assíduos se entreolharam, percebendo que a maneira de começar a gira estava diferente. Normalmente, o Dirigente começa pedindo concentração seguida de uma prece e só então começa a entoar saudações às esferas espirituais.

Dona Dalva, parecendo ser a única a entender o que estava ocorrendo manteve-se sentada, de olhos fechados e atenção totalmente voltada às palavras do Dirigente. E este começou a entoar pontos com muita energia e atenção redobrada.

“...Ogum que abalou as estrelas, que abalou as areias e as ondas do mar, Ogum. Ogum que abalou as estrelas, que abalou as areias e as ondas do mar. Ogum a hora é boa. Ogum a hora é boa, abra meus caminhos firma este gongá...”

“...Com sua espada, capacete de ouro, em seu lindo cavalo, que é seu tesouro, no meio da luta, cavaleiro sorria, era São Jorge que nos defendia...”
“...Ogum de ronda, já mandei rondar, Ogum de ronda, já mandei rondar, já mandei rondar, já mandei rondar, já mandei rondar...”

E prosseguiu cantando pontos de demanda, preparando o ambiente, firmando o gongá...

“...Pinto piou na calunga, galo cantou lá na Angola, congo que veio de Carangola botando o inimigo de porta à fora, congo que veio de Carangola botando inimigo de porta à fora...”

“...Lá na beira do caminho, este gongá tem segurança. Lá na beira do caminho, este gongá tem segurança, meia noite o galo canta, meio dia pinto pia. Meia noite o galo canta, meio dia pinto pia...”

Em seguida, deu início a saudação e chamada dos trabalhadores da última hora, Exus e Pombas-giras com as seguintes cantigas:

“...Vem trabalhar Exu, é com licença de Oxalá, Exu! Vem trabalhar Exu, é com licença de Oxalá, Exu! Leva de volta Exu, o que os inimigos mandaram Exu! Leva de volta Exu, o que os inimigos mandaram Exu! ...”

“...Exu, Exu, diz Exu na encruzilhada. Exu, Exu, sem Exu não se faz nada. Exu, Exu, diz Exu na encruzilhada. Exu, Exu, sem Exu não se faz nada. Exu da meia noite, exu da madrugada. Exu da meia noite, exu da madrugada, um terreiro de Umbanda sem Exu, não se faz nada! ...”

“...É Tiriri, É Tiriri, É Tiriri Lonan, é Tiriri. É Tiriri, É Tiriri, É Tiriri Lonan, é Tiriri. Tiriri não é do Rio, Tiriri não é do mar. Tiriri não é do Rio, Tiriri não é do mar. Tiriri é da encruza, levando seu patuá, Tiriri quando trabalha, trabalha devagarzinho, toma conta e presta conta, vai abrindo seus caminhos...”

“...A festa hoje é sua, neste terreiro eu vim saudar a ti, veio da encruza, daqui um abraço meu amigo Tiriri. Ina, Ina mojubá, ele é mojubá, ele é varonil, na encruza tem dois amigos irmãos, Tranca Rua e Tiriri...”

Ao final deste ponto já não estava presente apenas o Dirigente, mas o grande amigo e protetor daquele ambiente, Sr. Tranca Rua das Almas. Este com toda sua alegria e descontração saudou a todos com um boa noite, foi até o gongá e recebeu das mãos de Télio, outro médium que trabalhava na mesma tenda que Junior, porém já pousava naquele Templo há mais de vinte anos, uma garrafa de marafo e um abraço fraterno. Olhou para as médiuns e as consulentes e cantou seguindo em direção a elas:

“...Vinha passando, como vai? Como passou, sinhá dona? Eu lhe dei boa noite, sinhá dona! ...”

Foi apertando a mão de uma a uma e, finalizando, olhou para os médiuns e disse:

-Boa noite distintos cavalheiros! Espero que estejam prontos para o trabalho que está por vir... Como já vos disse em outras inúmeras oportunidades, para me acompanhar é preciso ter mais barba que um leão!

Todos acenaram positivamente com a cabeça. Terminada as saudações, Sr. Tranca Rua caminhou em direção à porta principal do Terreiro segurando sua garrafa de marafo, parou em frente à porta, bebeu três goles e disse:

- Hoje é um dia como todos os outros, mas para aqueles que tiverem olhos de ver e ouvidos de ouvir será um momento único.

Diria que um divisor de águas... a liberdade bateu às vossas portas, abram seus corações!

Voltou-se para dentro e continuou a entoar cânticos para que seus amigos espirituais viessem participar daquele trabalho espiritual.

“...Subindo para o alto da colina, encontrei uma casa linda com uma moça formosa. Era pomba-gira, com sete rosas amarelas na mão, era dona sete, moça bonita que nos dá a proteção. Sua meta é a bondade, com amor e humildade a prestar a caridade, filha de seu Omulu, vem trazendo a sua luz para os filhos de Jesus...”

E Dona Dalva foi arremessada de sua cadeira, como se fosse arrancada com bastante força, parando em frente ao gongá já gargalhando e dançando. Era Dona Sete que sem perder tempo algum já se fazia presente junto à sua médium.

Como ela mesma dizia, todas as vezes que chegava no terreiro: “havemos de nos mexer mais rápido quando a dor de nossos irmãos não for percebida pelos encarnados.” Dona Sete Catacumbas, um espírito esclarecedor! Alguns a chamavam de madrinha, outros, de Mãe sete, mas a grande maioria a saudava pelo seu nome místico, Dona Sete.

Em sequência, chegaram no terreiro todos os outros trabalhadores, tomando seus médiuns das mais diversas formas. Junior e Télio, respectivamente médiuns de Marabô e Tranca Rua de Imbaré, já estavam às gargalhadas, incorporados.

Dona Délia também médium de Tranca Rua, desta vez estava trabalhando com Dona Maria Padilha das sete encruzilhadas, dançando e saudando a todos os presentes, enquanto Sr. Pietro incorporava o Exu Sete Covas.

Estavam presentes na gira quatorze médiuns, sete homens e sete mulheres e a assistência estava mais cheia do que o usual.

Após a chegada de todos os amigos espirituais que auxiliariam nos trabalhos daquele dia, Sr. Tranca Rua das Almas sentou-se à cabeceira da mesa e solicitou à dois médiuns, Josete e Arnaldo, que ocupassem as cadeiras da esquerda e da direita, sobrando vazia apenas a cadeira da outra cabeceira. Carminha já

se encaminhava para ocupar a cadeira vazia como já era de costume quando Sr. Tranca Rua solicitou que ela retornasse ao seu lugar e ajudasse na cambonagem.

Carminha ficou surpresa, pois em todos as giras, desde antes de ingressar na corrente mediúnica do Templo, sempre fora posta para trabalhar na mesa e não entendia o motivo de não poder participar naquela ocasião. Voltou ao seu lugar pensativa se questionando se havia feito algo de errado durante a semana para que não pudesse estar ali, naquele trabalho que tanto amava e fazia com devoção ímpar. Procurou confortar-se dizendo a si mesma:

- Certamente Sr. Tranca Rua sabe o que está fazendo. Será que ele ouviu o desaforo que eu disse para minha mãe hoje cedo? Não é possível. E se fosse? Qual o problema? Eu estava certa de qualquer modo! Bem, seja o que Deus quiser e como diz o ponto de meu Pai Xangô, Filho de Xangô apanha quando merece e apanha sem merecer.

Sr. Tranca Rua das Almas olhou para Carminha enquanto ela se dirigia para cambonar Dona Sete, a quem ela chamava de madrinha, e disse em voz baixa, porém ouvido por todos que mantinham a atenção na gira:

- A paciência é uma virtude a ser desenvolvida paulatinamente, porém a percepção dentro de uma gira é ferramenta obrigatória a todos os médiuns. Orai e Vigiai meus irmãos. Zambiokonhama Zimbauê Coiônizocanhama!

Do lado esquerdo de Sr. Tranca Rua das Almas estavam já riscando seus pontos Dona Sete Encruzilhadas, Exú Sete Covas e Exú João Caveira. Já do lado direito estavam já prontos para o trabalho Exú Marabô, Exú Tranca Rua de Imbaré e Dona Sete, como sempre cantarolando pontos dos mais diversos auxiliando na firmeza da gira. De repente, ela se dirige ao gongá e diz:

- Tranca Rua, trago aqui uma cantiga para o fundamento da mesa neste dia. Peço licença para poder cantar e auxiliar na firmeza da corrente da mesa.

- Minha senhora, sinta-se à vontade!

Dona Sete, parou por um instante, observou o gongá enquanto fumava seu cigarro, tomou um pequeno gole de sua bebida e cantou:

“...Sr. Tranca Rua plantou uma rosa no seu jardim, três galhos de rosa perto de um lindo pé de jasmim. O tempo foi passando, as rosas floresceram, uma rosa branca, uma rosa amarela e outra toda vermelha. A rosa branca ofereceu a Iemanjá, senhora D’agua mãe de Abaluaê, rosa amarela entregou a Iansã formosa e a terceira ao reino de Seu Ogum Guerreiro…”

O ponto cantado causou uma vibração poucas vezes vista em uma gira naquele Templo e os médiuns que estavam sentados à mesa sentiram no íntimo de seu ser cada palavra cantada, levando-os às lágrimas.

Todos os Exus presentes soltaram gargalhadas como se fosse um brinde àquele momento. Sr. Tranca Rua das almas levantou-se, caminhou até Dona Sete e disse:

- Minha senhora, são tantos anos trabalhando juntos na mesma seara e sempre somos surpreendidos pela forma como transformas em canto tudo aquilo que seria, neste instante, de difícil o entendimento de nossos irmãos encarnados. Somos gratos pelo ponto e por sua presença nesta casa.

Saudou-a com muito respeito e voltou-se à mesa, solicitando que Célio começasse a chamar os consulentes para dentro do terreiro, desta vez trazendo apenas três.

O trabalho na mesa, por si só já era entendido por muitos como o ponto forte da gira, pois era na mesa que se iniciava a descarga energética dos consulentes ao permanecerem com suas mãos nos ombros dos médiuns e estes atuando como para-raios. Em alguns casos trazia-se à tona informações pessoais precisas e necessárias à um ou outro, que Sr. Tranca Rua das Almas entendia ser crucial e justo naquele instante. Era um trabalho desenvolvido sob a tutela das almas e como ele mesmo dizia, trabalhar nas almas é trabalhar na justiça. “Dai a Cesar, o que é de Cesar. E a Deus, o que é de Deus”.

Célio solicitou que os três primeiros da primeira fila entrassem no terreiro e solicitou aos demais que mantivessem o silêncio, pois eram também ferramentas da misericórdia divina, sendo espíritos em uma condição encarnada.

- Meus irmãos, todos temos o que dar e o que receber. Somos todos espíritos encarnados e a Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade. Vamos manifestar nossos espíritos para que possamos ser doadores de energia e bons pensamentos. Entremos em estado de oração, em prol destes irmãos que vieram aqui, como todos vocês, em busca de um auxílio, de um socorro para suas aflições e agonias, de um ombro amigo e um abraço fraterno.

Naquele instante, os poucos que mantinham conversas frívolas e paralelas ao propósito caritativo se entreolharam e pararam imediatamente.

As três consulentes que entraram primeiro no terreiro foram levadas por Célio aos lugares que Sr. Tranca Rua das Almas apontou.

A primeira, uma senhora que aparentava pouco mais de setenta anos, andando um pouco curvada devido ao entortamento da coluna, tinha impresso em sua face muita tristeza e foi posta atrás de Josete.

A segunda, uma jovem de dezoito anos, que parecia encantada com tudo o que tinha visto até ali, foi levada a sentar na cabeceira colocando suas mãos espalmadas sobre a mesa. Parecia estar anestesiada e permaneceu observando com muita curiosidade tudo aquilo que estava em sua volta.

A terceira era uma mulher com olhar firme, aparentando ter entre trinta e quarenta anos e que não esboçava nenhuma reação e parecia não se importar com nada daquilo. Era como se estivesse ali por obrigação. Esta foi posta atrás de Arnaldo.

Com as consulentes ocupando os lugares que ele havia apontado, Sr. Tranca Rua das Almas deu início à corrente perguntando o nome de cada uma delas. Recebendo a resposta necessária, Sr. Tranca Rua das Almas olhou para Helen, a mulher que estava atrás de Arnaldo e em seguida cantou:

“...Eu tenho pena, da sua luva nova, que ele deixou lá no fundo do mar, ai mandai, mandai meu bom Jesus, a lua nova ela é a nossa luz, ai mandai, mandai meu bom jesus a lua nova ela é a nossa luz...”

Helen foi acometida por uma súbita vontade de chorar, tentou segurar-se, mas cada vez mais a emoção lhe dominava e ela simplesmente desabou em lágrimas, tendo seu corpo todo tremulando. Chorou copiosamente por longos três minutos até que o atabaque parou por ordem de Sr. Tranca Rua das Almas, que a olhou e disse:

- Minha filha... a luz de sua vida, apelido carinhoso que você empregou durante anos ao seu pai, retornou a pátria espiritual não por culpa da separação dele e de sua mãe, mas por ser o momento designado a ele para continuar a viver no além-túmulo. Houve diversos acontecimentos que não são de seu conhecimento e essa senhora que está a vossa frente, com lágrimas nos olhos, olhando para ti, é de uma firmeza incomparável. Nunca te demonstrou a profunda tristeza que ela carrega desde o momento em que vivenciou uma decepção que jamais imaginaria por parte de seu pai. Digo isto a ti, minha filha, pois enquanto encarnados todos vocês têm a oportunidade de vivenciar o amor em sua plenitude junto daqueles a quem foram designados para resgatar passados conturbados ou até mesmo vivenciar passagens novas a fim de galgarem estágios mais evoluídos. Esta senhora, a quem você hoje reluta em chamar de mãe, foi em momentos pretéritos, ainda nesta mesma vida, seus braços e pernas... você se lembra?

Ao proferir estas palavras, Sr. Tranca Rua das Almas levou Helen a um passado remoto onde ela, por volta dos cinco anos de idade contraiu meningite. A mulher lembrou-se de todos os cuidados que foram necessários para seu tratamento. Lembrou-se que sua mãe era a pessoa que estava sempre a postos em todos os momentos, fosse de dia ou de noite. Diversas vezes durante a madrugada Helen gemia de dor e sua mãe como uma guardiã incansável dobrava seus joelhos ao lado da cama e orava fervorosamente para que os guias guardassem sua filha, pois era seu tesouro mais precioso.

A devoção durante três semanas foi tão intensa por parte da mãe que passada a enfermidade da pequena, ela foi quem teve que ser cuidada. Não foram parentes, ou seu marido que era um homem muito ausente devido a seu trabalho e suas saídas repentinas, e

nem suas irmãs que moravam distante e tinham seus afazeres, mas uma vizinha por quem a mãe de Helen tinha grande amizade, que veio em seu auxílio.

Helen, após relembrar de tudo, como um filme passando em velocidade acelerada, olhou para sua mãe e percebeu naquele instante por quanto tempo julgou e ofendeu aquela a quem devia todo o seu amor e afeto. Helen sentiu-se pequena diante de suas atitudes com sua mãe e saiu do terreiro dizendo que precisava respirar pois estava com falta de ar. O Sr. Tranca Rua das Almas nada disse.

Saindo pela assistência, Helen agora sentava-se em frente a pequena capela que existe anexa ao Templo e voltou a chorar copiosamente.

Lá dentro, Sr. Tranca Rua dava continuidade ao trabalho dizendo a mãe de Helen que tudo ficaria bem, porém ela precisaria confiar na espiritualidade mais do que nunca. Foi dado um choque de realidade em sua filha para que a encarnação dela não continuasse tão improdutiva e sendo vivenciada no passado que ela mesma desenhou em sua imaginação. Despediu-se daquela senhora dando-lhe um forte abraço e disse a ela as seguintes palavras:

- Durante algum tempo ela se comportará como aquela menina fragilizada pela doença e precisará do amparo de mãe. Ao término deste processo, sua filha se redescobrirá e no tempo certo lhe dirá tudo aquilo que a senhora pacientemente esperou ouvir durante estes vinte longos anos de desencarne do seu companheiro.

Ele, que definhou por conta de seus vícios em jogos de azar, bebedeira exacerbada e mulheres, hoje permanece em estado catatônico em esferas mais baixas emanando mentalmente ondas de culpa, pesar e desespero endereçadas a sua filha, que é médium sensitiva e possui ligação forte com ele. Vamos trabalhar para que ele encontre o seu próprio perdão, assim como sua filha caminhará na direção de encontrar o próprio. Boa noite, minha irmã!

Voltou o Sr. Tranca Rua das Almas a solicitar para Célio a entrada de mais oito consulentes. Célio prontamente foi em direção

à assistência e chamou-os a entrar no terreiro. Levou-os até a mesa e Sr. Tranca Rua das Almas entoou outra canção:

“...Somente a paz, somente o amor, conduz o homem ao alivio da sua dor... Sr. Tranca Rua é amigo trabalhador, na Lei de Umbanda ele é o nosso protetor...”

Todos os que foram levados à mesa estavam em volta dela, agora com as mãos estendidas, e, ao final do cântico, Sr. Tranca Rua das Almas solicitou a Célio que encaminhasse cada um dos irmãos para se aconselharem com as entidades, e que no final trouxesse mais dois consulentes, os quais ele mesmo apontou.

Sr. Marabô estava fumando seu charuto quando foi levada até ele uma moça com dezessete anos de idade, portadora uma postura bastante madura. Seu nome era Jéssica. Era médium de transporte e clarividente, e havia sido iniciada na Nação Keto há dois anos. Emanava firmeza e ao chegar próximo dele o saudou com profundo respeito:

- Boa noite Exú, Laroiê, salve sua força e sua luz! Que o senhor possa amparar-nos embaixo de sua capa e nos proteger com seu tridente de todo mal que fazemos a nós mesmos.

Seu Marabô então olhou para aquela menina e disse:

- Boa noite, moça. Então, nos encontramos novamente. Vamos terminar nosso assunto, iniciado há um ano naquela roça de candomblé. Este ambiente está propicio para isto.

Jéssica se surpreendeu, pois não havia ido ali em busca de retomar assunto algum, até porque já não estava presente em seus pensamentos. Olhou fixamente para ele e disse:

- Assunto? Eu não me lembro do senhor... me desculpe! Na verdade, vim aqui para pedir uma orientação em relação à um problema que estou vivenciando em outro local onde pratico a minha fé.

Exú Marabô soltou uma estrondosa gargalhada e disse a ela:

- Minha moça, a senhora está com a memória muito curta... lembra-se da vez em que foi feita a matança de final de ano na roça onde a senhora trabalha e um médium incorporou ao seu lado? Lembra-se das palavras que foram ditas a senhora? Lembra-se do

nome dele? Lembra-se ainda de como a senhora passou mal durante quase vinte e um dias exatamente como lhe foi dito?

Jéssica arregalou os olhos, pediu perdão por não o ter reconhecido de imediato e o abraçou como se estivesse sendo presenteada por Deus pela oportunidade de reencontrar o espírito que a instruiu um ano antes com palavras firmes e sábias, porém naquele instante ela não havia levado a sério por ter sido mediada por um jovem com moral duvidosa.

- Seu Marabô... meu Jesus! ... Eu jamais poderia imaginar que vindo aqui eu encontraria o senhor! Olha, eu tenho tantas coisas para falar, tantas dúvidas que nem sei por onde começar...

- Minha moça, é verdade que não temos a noite inteira, mas certamente trataremos do assunto que mais a preocupa, e que não por acaso é fruto de suas escolhas. Diga-me, quando foi que estas feridas começaram a aparecer em suas pernas?

Jéssica estava vestida de branco, em respeito ao ambiente espiritual. Vestia-se com sua baiana todas as vezes que ia visitar um terreiro, porém nesta ocasião estava vestindo apenas calça comprida branca e uma blusa também branca. Arregalou os olhos e começou a chorar pedindo misericórdia por não ter seguido a orientação dada em oportunidade pretérita por aquele espírito que ali estava. Ao se recompor olhou-o e disse:

- Seu Marabô, o que eu posso fazer para desfazer esse mal que me persegue atingindo não só meu corpo, mas minha mente e espírito? Não aguento mais ouvir esses ranger de dentes e gritos desesperados todas as noites! Quero voltar a conversar com meus amigos espirituais da forma que era quando tinha quinze anos pois não os ouço mais. Me ajude, por favor!

Sr. Marabô olha para Jéssica com olhar firme e uma seriedade gélida que só a ele competia e falou:

- Moça, naquela ocasião eu me manifestei naquele jovem por não encontrar abertura psíquica em você para que pudesse intuí-la. Havia dito um ano antes daquela ocasião, através de um encontro no astral no momento do descanso do seu corpo, que o seu caminho não era o candomblé, que seu compromisso era com a Sagrada Lei de Umbanda. Disse a ti que ao ingressar naquela seara, pela mediunidade e compromisso que possui, não seria nada

fácil equilibrar sua energia mantendo-a livre de investidas de espíritos com elevação moral nula e manter a sua glândula pineal afinada com as nossas vibrações.

Mesmo explicando com riqueza de detalhes, a senhora estava fascinada pela beleza das danças dos Orixás Africanos, pelas belas roupas e os banquetes que eram dados naquela roça em dias de festa. Nada tenho contra os ritos africanos, porém não tem sido tarefa fácil, mesmo para nós, encontrar lugares que além de possuírem doutrina mantenham a vaidade e a mistificação longe dos trabalhos espirituais. E isso não é mérito apenas desses cultos, pois encontramos, em proporções diferentes, a mesma questão dentro da Umbanda, Kardecismo, Catolicismo e outras tantas.

Parte disso se deve ao ingresso de encarnados moralmente despreparados nessas searas, buscando títulos de comando junto a cúpula encarnada daquele templo ou roça e até mesmo se auto intitulando portadores de coroa mediúnica diferenciada e com “missão” de abrir um terreiro.

Estes ditos Dirigentes acabam despejando sobre seus dirigidos suas carências, mazelas e afins, subjugando-os como se fossem obrigados a estar naquela situação de submissão e ele, o autointitulado dirigente espiritual, sendo salvador e ao mesmo tempo o carrasco. Em alguns casos cobram cifras vultuosas para a realização de trabalhos com as mais diversas explicações da necessidade de fazê-lo, quando não colocam a culpa no Orixá que está exigindo ou na macumba que o desafeto fez no cemitério com a finalidade de matar. E com você não foi diferente certo?

Na verdade, aquele senhor que você chama de Pai tem uma faculdade mediúnica que ainda permite perceber os médiuns que podem realizar suas magias, pois ele mesmo não possui mais força para isso. A senhora foi feita, como dizem nesta terra, nas coxas e te iniciaram para o senhor das almas quando a sua ligação sempre foi com o Oriente, pura e simplesmente.

No primeiro ano a senhora não percebeu que havia se afastado dos seus mentores por estar em êxtase, indo quase que diariamente ajudar nas tarefas da roça. Já no dia em que me manifestei a senhora tinha dentro de si uma dúvida acompanhada

de um temor, pois havia presenciado a saída de três médiuns de forma bastante agressiva, não foi?

A injustiça se fez presente de forma clara, através da atitude daquele dito Pai de santo, e mesmo assim a senhora não quis enxergar! Vim e falei a ti que parasse um pouco antes de abaixar novamente sua cabeça para receber o sangue em seu Ori (glândula pineal), pois as mãos que manuseavam a faca junto com os elementos necessários não pertenciam a uma boa pessoa e não mais poderíamos ajudá-la a partir daquele instante. Disse ainda que se continuasse, inicialmente passaria vinte e um dias tendo os mais desagradáveis pesadelos, sensações de enjoo e febre o tempo todo. Isso seria seu espírito tentando repelir a magia do sangue derramada em demasia acima da sua glândula pineal (Ori).

A magia do sangue só deveria ser feita por aqueles que de fato a dominam. O sangue ao entrar em contato com o ar necessita de um conjunto de palavras que há muito se perdeu e pouquíssimos ainda a mantém na memória podendo assim realizar tal ritual sem que haja nenhuma complicação em curto ou longo prazo, além de saberem identificar aqueles que realmente possuem compromisso com os cultos a que pertence esta prática. Essas suas chagas nas pernas são o último estágio de segregação entre você e seus mentores espirituais, que se esforçam ao máximo para não permitir que haja uma investida fatal contra você.

Jéssica não sabia o que dizer. Estava atônita! Era muita informação para processar em tão pouco tempo. Tentou esboçar algumas palavras, mas não conseguia. Sua mente era um turbilhão de pensamentos desconexos quando Sr. Marabô puxou-a pelo braço, a fim de trazer seus pensamentos de volta à realidade e prosseguiu dizendo:

- Moça, esta gira de hoje tem um princípio todo especial. Foram trazidos aqui aqueles que foram escolhidos pela espiritualidade para alcançarem uma libertação de suas mazelas, reestruturando seus espíritos que se encontram despedaçados e alcançando uma nova oportunidade de se tornarem ferramentas úteis aos planos da espiritualidade. Compreenda que muitos dos que aqui estão são médiuns que em algum momento se deixaram levar pela vaidade ou por sentimentos nada salutares e com isso

interromperam a sua caminhada na Sagrada Lei de Umbanda que tem como princípio básico a simples caridade.

Jéssica, agora pensativa, tentava entender todo o contexto daquela conversa rápida, porém bastante profunda. Após alguns segundos em silêncio ela olhou para Sr. Marabô e disse:

- Meu amigo, se assim posso lhe chamar, eu estou profundamente arrependida de ter mudado meu caminho. Não me deixei levar apenas pela beleza, mas também pela parte mística que alguns de meus conhecidos me contavam. Eram histórias das mais belas e sempre com final feliz. Se eu for merecedora de mais uma oportunidade junto a Umbanda com certeza darei o meu melhor e me esforçarei para disseminar entre meus irmãos, de fé ou não, as palavras que o senhor acabou de me dizer. Com certeza terei bastante trabalho para compreender de fato tudo isso, porém já começo me decidindo em não mais caminhar por onde não devo.

Seu Marabô solta uma gargalhada estridente e a saudou com um abraço fraterno, voltou-se ao cambono e disse:

- Meu moço, aqui neste instante sagrado a Umbanda regou uma flor que vivia em busca de água, porém davam a ela vinagre! Aguarde e observe a ação da Sagrada Lei de Umbanda agir.

O Cambono acenou com a cabeça, sorrindo por saber que Exú Marabô não dava ponto sem nó.

Realidade

“... I Quá, quá, quá, mas que linda risada...”

Acendeu vela, está nas almas. Almas é justiça! – **T.R.A.**

Célio continuava e levar os outros sete consulentes para se aconselharem com os guias. Conduziu João, um jovem negro, forte, de estatura mediana e olhar penetrante, com feições e postura firmes lembrando um militar, à Dona Sete, que prontamente disse:

- Ela não te disse que era mal negócio alimentar duas lobas com a mesma caça?

João sem se demonstrar nenhum arrependimento olhou para Dona Sete e disse sem hesitar:

- A moça falou sim, mas fui feliz durante o tempo que consegui dividir, como a senhora mesma disse, a caça com as duas lobas!

Dona Sete virou-se para observar seu ponto riscado ao seu lado esquerdo, parecendo procurar algo, olhou bem no fundo dos olhos de João e cantou:

“...Moça me dá um cigarro do seu para eu fumar, pois nem dinheiro eu tenho para comprar. Vivo sozinho nesta solidão, Maria Mulambo me dê sua proteção...”

Dona Sete cantou mais de uma vez o ponto olhando para o gongá e fumando seu cigarro. Voltou-se para João e com olhar terno falou:

- Olha, durante muito tempo o senhor vem aqui e pede para que a espiritualidade te ajude a sair das poças que você mesmo pisa e acaba ficando enlameado. Quantas vezes você vai precisar cair para saber que não está certo a postura que teima em ter? Sabe... alguns de vocês, encarnados, estão em uma condição de TER HUMANO diferente de SER HUMANO.

Querem satisfazer suas vontades mais promiscuas às custas da ingenuidade alheia. Querem angaria bens e dinheiro apenas para se sentirem aptos a caçar mulheres como se fosse um esporte. TER, TER E TER. Isso é uma viagem de ida sem volta, pois será cobrado cada quinhão daquilo que fazem mal uso. E cantou de novo desta vez olhando para ele com olhar firme:

“...Mulambo, Rainha divina. Óh, Deusa encantada, tem o seu gongá em segurança, ela tem sua história marcada, caminhou em tapete de flores e nem sequer se importou. Ela deixou os seus súditos chorando e foi viver no mundo da perdição. Ela é rainha, ela é mulher, pedacinho de Mulambo é para quem tem fé...”

E continuou o dizendo:

- Vou te explicar este ponto, que à proposito você canta com muito fervor quando não tem ninguém olhando, né? Achando que é uma história de alguém que teve tudo e de repente se rendeu à promiscuidade vivendo em um mundo onde o que importa é o prazer carnal. Engano seu!

Essa cantiga demonstra claramente que era um espírito que nasceu em berço de ouro, tinha tudo do bom e do melhor, porém sem se importar com aqueles bens materiais. Sabia internamente que tudo aquilo não lhe pertencia e que precisava fazer algo por aqueles que nada possuíam.

Largou tudo, pois foi proibida de dividir suas riquezas com qualquer pessoa e foi pregar palavras de esperança àquelas mulheres que eram tidas como escória da sociedade, que eram usadas e abusadas por um bocado de quinhão, que em suas camas e ao terminar sua labuta, choravam e pediam a Deus uma oportunidade de dar fim aquele castigo, pois não era vida para ninguém.

João estava agora com um certo ar de humildade, os olhos baixos e sem ter uma palavra para retrucar o que a pomba-gira tinha dito. Ela então continuou:

- Você sabia que alguns encarnados vêm a este mundo para mudar a vida de outros? Possuem uma empatia nata, inteligência e sagacidade indiscutivelmente afiadas e conseguem entrar e sair de qualquer ambiente, pois também tem o que vocês chamam de lábia?

Só que esta lábia deveria ser utilizada para confortar corações, propagar a mensagem espiritual, seja ela através da Umbanda, Kardecismo, Catolicismo ou qualquer outra religião que pregue o amor de Cristo!

Estas características deveriam ser utilizadas para conseguir sucesso material sim, só que com um propósito diferente, dividir para multiplicar. Dividir com os menos favorecidos, ajudá-los a sair de um estado materialmente miserável através de oportunidade de estudo e trabalho e com isso multiplicar a quantidade de pessoas felizes e realizadas. Quantas vezes você teve o suficiente para triplicar a felicidade alheia? Muitas, né? Pois trago uma mensagem desta que o senhor é devoto.

Dona Maria Mulambo não mais lhe estenderá a mão enquanto não compreender que perante Deus não há filhos prediletos. Que um irmão ao causar dor a outro irmão está indo de encontro a uma das maiores leis universais impostas pelo Pai para benefício e evolução de todos, o do amor ao seu semelhante. Enquanto não souber amar a si próprio não saberá amar a mais ninguém.

Dona Sete foi chamada pelo cambono, avisando-a que haviam muitos consulentes naquela noite. Ela compreendeu e terminou a conversa dizendo:

- Eu, no seu lugar, daria um jeito de me redimir rapidamente não com a Mulambo, mas consigo mesmo, pois sei que no seu íntimo não é verdadeiramente feliz vivenciando este mundo de ilusões. Se precisar de mim estarei aqui e se não precisar estarei também. Uma boa noite!

Voltou-se então para Carminha, que a cambonava e pediu que acendesse mais um cigarro e trouxesse seu punhal para adicionar ao ponto riscado, pois o próximo trabalho demandaria muita energia.

João virou as costas e saiu do terreiro vagarosamente. Passou por Sr. Sete Covas e ouvir ele dizer:

- É menino, corre enquanto há tempo... se perder esta canoa pode ser que a próxima venha com o casco furado! E gargalhou.

Exú Caveira, sentado em seu toco, fumava seu charuto e bebia seu marafo enquanto aguardava o consulente tirar seus apetrechos para começar o diálogo.

Era um Exu bastante metódico e solicitava a todos que fossem falar com ele que não usassem sapatos durante o aconselhamento, relógios, cabelos presos ou até mesmo óculos.

Aproximou-se dele Márcio, um jovem de estatura bastante alta, muito magro e mancando da perna esquerda devido a uma ferida que nunca cicatrizava em seu pé, e disse:

- Boa noite, Seu Caveira. Estou aqui para pedir uma caridade. Não sei mais o que fazer para essa ferida fechar de uma vez. Isso está me prejudicando em todos os aspectos da minha vida.

Sr. Caveira era realmente um Exu diferente. Quase não olhava nos olhos de ninguém, se mantendo quase o tempo todo curvado. Retrucou ao terminar de ouvir o pedido de Márcio:

- Na hora de pisar na formiga não há piedade, mas quando vem um escorpião em defesa da formiga e te pica, aí você pede perdão. O senhor bem sabe o motivo desta ferida não se fechar e não sei se irei te ajudar.

De todos os Exus ali presentes, Sr. Caveira era o mais carrancudo. Tratava os consulentes com educação, mas só trabalhava para aqueles que mereciam. Dizia ele que a caridade é para todos e a justiça apenas para quem merece. Preferia trabalhar quase sempre na justiça. Sua grande peculiaridade era o desmanche de magia negra. Era perito no assunto.

Márcio parecendo estar estarrecido perguntou:

- Mas, Seu Caveira, se errei foi tentando acertar! Não é justo eu vir aqui humildemente pedir ao senhor uma ajuda e o senhor dizer que não sabe se vai me ajudar. Não dizem que a Umbanda é a manifestação do espírito para a pratica da caridade?

Sr. Caveira se treme todo, chegando a fazer os ossos do corpo do seu médium estalarem. Dá uma sinistra gargalhada com sua voz rouca e diz:

- Acha que vindo aqui com esse ar de humilde vai conseguir fazer com que, simplesmente, eu desfaça esse corretivo que o senhor mesmo procurou? Não! Não desmancharei e agora te direi o motivo.

Deu outra gargalhada rouca, contorceu-se quase que quebrando os ossos do seu médium e continuou a falar:

- Aqui, é uma casa de caridade e eu como trabalhador dela devo respeitar os seus princípios, porém há uma regra da qual me

valho sempre em casos como o seu. Para que a caridade seja realizada é necessário encontrar no solicitante ou necessitado pelo menos um pouco de arrependimento. No senhor, não há nenhum arrependimento.

Quando, por diversão, sacaneou aquela senhora que não tinha a cabeça boa, achou por bem contar a todos os que havia feito. Tendo a filha dela tomado conhecimento de suas ações, foi até você perguntar o porquê de ter feito o que fez, o senhor riu da cara dela e disse que se fosse com ela seria bem mais divertido. Ela, estando certa ou não, procurou meios de te punir, já que enjaulado, pela lei dos homens o senhor não seria. Agora, está aí o seu troco e vai permanecer pelo menos até o senhor perceber que não se deve jamais subjugar ninguém, e menos ainda aqueles que estão desprovidos de sanidade.

Márcio, agora nada humilde, olha para Sr. Caveira e retruca com ironia:

- O senhor não resolve? Sem problemas. Alguém vai resolver, nem que eu tenha que ir ao fim do mundo!

Sr. Caveira não emite um som sequer. Apenas ergue o corpo do médium e em seguida a cabeça. Abre os olhos e deixa que Márcio veja a íris do médium totalmente branca e diz:

- Ironia. Como eu gosto de gente irônica. E solta uma grande gargalhada. Nos encontraremos no fim do mundo. Boa Noite!

Márcio, parecendo ter visto algo realmente assustador, levanta-se depressa e sem se despedir de ninguém sai rapidamente do Templo.

Célio, que estava atento a tudo, após a saída de Márcio vai até Sr. Caveira e pede perdão por aquele rapaz, mas o Exu nada responde e volta para sua posição de origem, curvado e com a cabeça baixa.

Estava o Sr. Tranca Rua de Imbaré conversando com o consulente, de forma que lhe era bastante peculiar, sempre cantando pontos durante o aconselhamento. Patrício era o nome do rapaz de vinte e três anos, estatura baixe e bastante troncudo. Cabelos longos e vestimentas despojadas. Falavam sobre anjos e demônios mitológicos e Sr. Tranca Rua de Imbaré tentava explicar a

diferença do termo “demônio” dentro das religiões conservadoras e a visão espiritual deste termo.

Cantou um ponto enquanto fazia alguns gestos com as suas mãos. Estava ele dando um passe magnético em Patrício, utilizando a fumaça do seu charuto para retirar miasmas que estavam presos a seu períspirito...

“...Exu também foi um anjo, abençoado por Deus, mas um subiu e outro desceu para cumprir sua missão nos quatro cantos da terra, foi batizado por Antônio, abençoado por Maria, Valei-me, Valei-me meu Santo Antônio que ele é, Exu Tranca Rua de fé...”

E voltou a dialogar com o rapaz:

- Meu jovem, conseguiu compreender a visão deste pequeno trabalhador da Umbanda?

Patrício muito educado e bastante instruído olhou para Sr. Tranca Rua de Imbaré e disse:

- Sim, Sr. Tranca Rua, é assim que você se chama agora, né? mas continuo achando que tudo isso é coisa da cabeça desses malucos que acreditam em céu e inferno e espíritos que vagam. Na minha visão darwinista não há nada nem antes e nem depois.

Nascemos por acaso e morremos da mesma forma! Não consigo acreditar em uma força superior que a tudo sustenta. Mesmo sendo amante de leitura, em especial histórias nórdicas e gregas, não levo ao pé da letra aquilo que leio. Para mim, é pura ficção, que por sinal muito me chama atenção, mas não me preenche.

A bem da verdade, com todo o respeito que lhe devo, o senhor me trata com muita educação e demonstra ser conhecedor dos assuntos que mais me chamam atenção. Porém, para mim o senhor não é espírito algum, apenas está assumindo uma outra personalidade por uma razão ou outra. Nada contra, ok? Mas, realmente não acredito em nada disso que está ocorrendo aqui!

Sr. Tranca Rua de Imbaré continuo com seu bom humor, e pediu a Patrício que ficasse em frente ao seu ponto riscado e

cantou:

“...Foi, foi Oxalá, quem mandou eu pedir, quem mandou implorar, que as santas almas viessem ajudar, Tranca Rua de joelhos no terreiro a trabalhar...”

Patrício sentiu algo parecido com pequenos choques em todo seu corpo, mas não deu muita atenção. Entendeu que poderia ser uma descarga de seu cérebro para todo seu corpo sem motivo aparente.

Sr. Tranca Rua de Imbaré parou a cantiga, pediu para Patrício continuar aonde estava e disse a ele:

- Meu jovem, somos todos sacos vazios em busca de conhecimento. Digo isso inclusive me colocando dentro deste grupo. O dia que eu parar de buscar conhecimento, certamente não haverá mais razão para minha existência ou, sorriu, já terei voltado à matriz criadora de todas as coisas.

O senhor experienciou uma situação bastante inusitada. Sofreu um acidente de carro junto com quatro amigos em uma noite enluarada e de todos o senhor era o único sóbrio. Mesmo sendo, como o senhor diz, darwinista, quando o motorista perdeu o controle do carro e começou a rodopiar o senhor meteu a mão no bolso e apertou com força a medalhinha de nossa senhora das graças que a senhora sua mãe havia lhe dado, inclusive pedindo para que você prometesse jamais deixar de carregar junto a você. Seria bastante difícil negar um pedido de alguém que está partindo para o lado de lá, certo?

Patrício, de olhos arregalados, mas com a mente trabalhando a todo vapor começou a buscar em sua memória se havia dado alguma dica desta situação em algum momento da conversa ou se havia algum conhecido ali que pudesse dividir este fato com este homem que se dizia chamar Tranca Rua de Imbaré. Continuou a pensar e lembrou que entrou naquele Templo por acaso, pois nem mesmo morava próximo. Queria mesmo é entender a mente desses que acreditam estar incorporados com entidades místicas, sendo ele um formando em psicologia e defensor ferrenho da corrente freudiana.

Percebendo a confusão mental que Patrício estava causando a si mesmo pelo fato de não aceitar a realidade espiritual, Sr. Tranca Rua de Imbaré resolveu retirá-lo de dentro daquele turbilhão de questionamentos que povoavam sua mente e perguntou a ele com um sorriso:

- Meu jovem, responda-me rápido usando seu raciocínio lógico e darwinista, o que veio primeiro? O ovo ou a galinha?

Patrício, parecendo acordar de um transe profundo respondeu quase que automaticamente:

- Não sei não, eu não estava lá para ver!

Pois bem, disse Sr. Tranca Rua de Imbaré, como pode afirmar com tanta veemência as considerações cientificas se nem mesmo se dá ao trabalho de se perguntar de onde surgem as ideias e raciocínios trazidos por estes doutores que ditam o que é verdadeiro e o que é falso. Temos durante a história milhares de pontos que não se ligam apenas utilizando o raciocínio lógico, como, por exemplo, a teoria sobre o núcleo da Terra. Sabe-se que o núcleo da Terra é composto em sua maioria por níquel e ferro, possuindo uma parte líquida e outra parte sólida, porém me diga quem chegou lá para atestar esta teoria científica. Outro exemplo simples é o efeito McClintok esse fenômeno diz respeito às mulheres que vivem juntas e acabam tendo o ciclo menstrual sincronizado. É um fenômeno que foi observado durante anos, mas nunca houve uma explicação clara e a comprovação do que realmente acontece. Até agora te dei exemplos simples, mas vou um pouco mais à fundo. Que tal citarmos Gravidade e Consciência? A Gravidade todos sabemos que existe e que de fato funciona só não está claro o porquê de sua existência e como as partículas envolvidas funcionam. A Consciência sabemos que existe, é inegável, mas nenhum cientista sabe responder o que é nem consegue provar sua existência.

Veja, meu jovem, nem tudo é explicado pela ciência, do mais simples ao mais complexo e olha que eles realmente se esforçam para tentar explicar tudo. Não há uma verdade absoluta senão Deus. Vou te indicar uma leitura que meu médium fez uso e que abriu sua mente para a visão espiritual. Chama-se Técnicas da Mediunidade. Procure, leia e depois volte aqui para falarmos mais

sobre isso. E à proposito, o senhor está neste instante com a medalhinha que sua mãe te deu dentro de seu bolso esquerdo embrulhada em um lenço branco para não correr risco de perde-la. Tenha um excelente retorna ao seu lar e saiba que tens aqui um amigo para todas as horas!

Patrício agradeceu ao Sr. Tranca Rua de Imbaré pelo tempo que conversaram e disse que quando voltar terá as respostas para as perguntas que ele lhe fez na ponta da língua. Disse que se houver uma resposta cientifica para a experiência que ele vivenciou quando Sr. Tranca Rua de Imbaré o fez relembra de um acontecimento muito particular, ele iria trazer não como afronta, mas como troca de conhecimentos. Apertou sua mão e seguiu para a assistência. Ele aparentava estar novamente perturbado com toda aquela situação que vivenciou. Continuou a buscar respostas lógicas em sua mente.

Célio já havia encaminhado os seis consulentes aos guias para aconselhamento quando percebeu que uma das amigas espirituais estava demorando mais tempo do que o normal e foi ao encontro dela para solicitar que finalizasse a conversa a fim de poder trazer outro consulente.

- Com licença, mas já passou do tempo que o Templo permite, a senhora poderia finalizar para que eu possa trazer outro irmão?

Dona Padilha olhou-o fixamente e com uma postura típica das Pombas-giras que se encontram no meio de um trabalho e falou rapidamente:

- Filho, não posso parar agora e tenho certeza que a cúpula espiritual está me dando o aval para continuar este trabalho. Aqui está uma senhora que está se afogando em seus próprios sentimentos e precisa de um socorro mais contundente. Se for necessário vou eu mesmo falar com Tranca Rua para não mandar outro consulente até que eu termine o trabalho com ela.

Célio compreendeu a postura da pomba-gira e pediu desculpas. Saudou-a e se retirou caminhando em direção ao Sr. Sete Covas.

Dona Janaina era uma médium antiga na Sagrada Lei de Umbanda, tinha vigorosos quarenta e oito anos, estatura mediana,

cabelos negros e compridos, possuía feições indígenas e semblante calmo.

Começou seu trabalho espiritual muito cedo e com quinze anos já incorporava seu caboclo para dar passes em um Terreiro de chão batido que a abrigou durante dez saudosos anos. Ao completar vinte e cinco anos fundou, sob ordens do Caboclo Tinguaçu, seu mentor espiritual e chefe de sua coroa mediúnica, o Centro Espírita Luz da Verdade, um ambiente bastante familiar e totalmente voltado para o trabalho de cura e caridade com caboclos, boiadeiros, pretos e pretas velhas. Aceitavam também em seus trabalhos a presença de espíritos de marinheiro, mas estes apenas vinham para dar passes. Não faziam gira de exu e nem de criança. Estava ali no Templo levada por uma amiga, pois havia perdido a fé na espiritualidade.

Dona Padilha ouvia atentamente o desabafo daquela Dirigente Espiritual que se deixou abater pela dor da perda de seus dois filhos em um trágico acidente de automóvel, seguido de uma separação litigiosa de seu esposo. Após um curto período tentado continuar seus trabalhos espirituais não mais conseguiu se sentir útil aos que procuravam seu auxilio, fosse através dos guias ou pelas suas rezas de cura, que realizaram verdadeiros “milagres” em diversas crianças que por aquelas mãos passaram. Enquanto Dona Janaína desabafava, a pomba-gira solicitava mentalmente auxílio de sua grande amiga, também do plano espiritual, a pomba-gira Mirongueira das Almas, para que juntas trabalhassem em prol desta irmã como já haviam feito inúmeras vezes, com outros consulentes. Dona Mironga, como preferia ser chamada, era uma pomba-gira que não se fazia presente através da mediunidade de nenhum dos médiuns da corrente. Era, naquele Templo, par energético de Tranca Rua das Almas e tinha como uma de suas especialidades lidar com baixa autoestima de forma bastante peculiar. Dona Janaina, entre uma frase e outra sempre questionava o porquê de seus guias terem ajudado a tantas pessoas e na hora que os seus mais necessitaram, até ela mesma, não foram presentes. Dona Padilha, pacientemente ouviu até a última palavra proferida por aquela sofrida jovem senhora e ao final fechou seus olhos, pegou nas mãos dela e disse:

- Minha irmã, me chamo Maria Padilha das Sete Encruzilhadas, sou companheira para todas as horas, porém não aceito nenhum tipo de injustiça. A sua dor não foi e nem está sendo sentida apenas pela senhora. A sua angustia não é apenas sua e seus dissabores também não são só seus. Como você mesma disse, começou na lida espiritual muito cedo, com isso pode presenciar desde cedo diversos fenômenos mediúnicos que pouquíssimos que se encontram aqui tiveram ou terão a oportunidade de ver. Você traz a luz da verdade, melhor dizendo, da sua verdade, que não foram justas as “perdas” sofridas pela senhora, não é correto?

- Sim senhora! Não consigo aceitar.

- Pois bem, este seu caboclo, que está inclusive neste instante ao seu lado, sempre lhe disse através de recados deixados aos seus cambonos, que jamais te desampararia nem por um minuto. Disse diversas vezes, também através de seus cambonos, que tinha grande afeto por você devido a altivez e responsabilidade que a senhora empregava em todos os campos de sua vida, além de, a todo instante, se preocupar com o bem-estar do seu semelhante. Até agora falei algo que não exprime a mais pura verdade?

Dona Janaina, com os olhos marejados, pensou em seu Tinguaçu e acenou com a cabeça validando o que Dona Padilha havia falado até aquele instante.

Mentalmente, Dona Mironga disse à Dona Padilha:

- Estamos fazendo progresso! A carapaça que ela criou mentalmente está começando a se rachar.

E Dona Padilha continuou, dizendo:

E não é a mais pura verdade que se não fosse pela intervenção deste seu caboclo você já estaria à sete palmos? E estou apenas me referindo a você, pois poderia falar sobre seu primo que teve a graça de ser curado de um câncer no Pulmão através das mãos de sua Preta-Velha; de sua mãe que com certo estágio de degeneração mental conseguiu terminar seus dias sem maiores problemas apenas utilizando um chá também receitado pela Preta-Velha; poderia falar sobre o nascimento de seu primeiro filho, que prematuro estava desenganado e a senhora mesma viu

seu caboclo nos pés de sua cama naquele hospital, quando em prantos a senhora implorava por socorro, te afirmando que cuidaria da criança, pois a senhora havia dado ele para o caboclo apadrinhar...isso sem contar a vez que seu esposo te relatou que havia sido parado por dois homens armados, que tomaram todo o seu dinheiro, agrediram-no e depois ainda um deles puxou o gatilho da arma com absoluto intuito de matá-lo, e após a arma falhar por duas vezes, eles olharam para algo atrás de seu marido e apavorados saíram correndo aos gritos. Estou exagerando ou falando algo que não seja absolutamente verdade? E até hoje a senhora não sabe o que esses homens viram certo?

Dona Padilha soltou uma longa gargalha e continuou a dizer, sem dar espaço para que Dona Janaina dissesse uma só palavra

- Você não tem o direito de colocar seus protetores à prova. Você não tem o direito de dizer que eles não te auxiliaram quando você mais precisou, você não tem o direito de, nem em pensamento, achar que foi ou está desamparada!

Dona Janaina, com olhar mórbido e voz baixa disse:

- Mas porque eles me ajudaram antes e não puderam ajudar de novo?

Dona Mironga chama novamente Dona Padilha e diz:

- Agora sim! O trabalho vai começar... vou manipular energia para que ela absorva e possa aliviar esse sentimento de incapacidade, mas preciso que você chame esse mano que ela sempre repeliu para que ele cuide de desafixar da mente astral dela esses pensamentos através do choque energético que se dará com o acoplamento no seu centro nervoso.

Dona Padilha se volta para Dona Janaina diz:

- Você acha que sou um espírito atrasado?

Dona Janaina toma um susto com a pergunta e prontamente responde:

- Claro que não Dona Padilha, jamais disse e nem pensei isso! Inclusive é a primeira vez que venho à uma gira de esquerda e não imaginava que fosse desse jeito tão firme e sério.

E dona Padilha então diz:

- Pois é, a senhora ouviu quando criança, naquele primeiro terreiro, que nós, Exus e Pombas-giras éramos entidades que

fazíamos o bem e o mal, bastava pagar o que pedíssemos. Que trabalhar conosco era atraso para o terreiro sendo nós espíritos de conduta duvidosa bem diferente dos Pretos-Velhos e Caboclos. Quanto a senhora está me pagando para atendê-la? Te perguntei em algum momento de nossa conversa de onde a senhora é? Ou se tem algo para me oferecer?

Ainda assustada, Dona Janaina rapidamente responde:

- Não senhora, não paguei nada e nem a senhora me pediu nada! Inclusive sempre soube que giras de exus eram cobradas e achei esquisito aqui não cobrarem.

Então, disse Dona Padilha:

- Naquela época era comum ter este tipo de preconceito, devido a entidades que se manifestavam se dizendo Exus e Pombas-giras, porém nada mais eram que espíritos zombeteiros, quando não o mais puro animismo voltado ao ego do próprio médium. Você está vendo que uma gira de exu tem o mesmo intuito, nos Sagrados Templos de Umbanda, que em uma gira de caboclo ou preto-velho tem, que é a pura caridade, salvando as diferenças de métodos de trabalho e vibrações que são pertinentes a um ou ao outro grupo de espíritos, mas todos nós, sem exceção trabalhamos em nome de Deus.

- Por diversas vezes ao fechar o portão de seu Templo, depois que o último médium saia, você via a figura de um homem sem camisa, descalço, com calça vermelha, capa, cartola pretas, olhando para você do outro lado da rua. Lembra-se disso? Se benzia e pedia que seus mentores afastassem ele da sua casa. Depois de anos pedindo não mais o viu, não é? Aquele era seu protetor na linha dos Exus. Foi ele quem fez os dois camaradas correrem de medo quando assaltaram seu marido. Foi ele que por diversas vezes se colocou à frente da senhora na rua, pois não precisava de sua autorização para lá caminhar, evitando tantos e tantos infortúnios. É esta entidade que a sua Preta-Velha chamava de “aquele que corrige o que não está certo” e você pensava se tratar do Caboclo. Sim! Você tem um Exú que a acompanha e mesmo não sendo bem-vindo em sua casa ele sempre se manteve firme no propósito de te guardar dos males do mundo e já passou da hora da senhora conhecê-lo.

Dona Padilha cantou um ponto que ninguém jamais tinha ouvido:

“...Naquela estrada escura, onde a luz não tem lugar, ele sempre iluminava como a noite de luar, meio dia pros filhos de Zambi, meia noite pros filhos do cão, não tem exu mais forte, ele é o dono do portão. Salve exu das sete, com sete gargalhadas, uma gira não acontece sem Seu Sete Cipoadas...”

Ao terminar o ponto Dona Janaina não mais estava ali. Era Sr. Sete Cipoadas se fazendo presente com uma energia que arrepiou a todos na assistência. Dona Padilha o cumprimentou com muito entusiasmo. Todos os exus pararam seus trabalhos para saudar aquele que chegava após um longo tempo de espera.

Sr. Tranca Rua das Almas, sentado à mesa, olha para Exú Sete Cipoadas e diz:

- Seja muito bem-vindo, mano meu! Sinta-se em casa, pois aqui todos são muito bem-vindos! Aproveito para pedir que fique em terra por mais algum tempo para que possa participar do trabalho que ocorrerá.

Sr. Sete Cipoadas, dono de uma energia diferente, respondeu com uma grande gargalhada e acenou com a cabeça em sinal positivo.

Célio, que naquele momento auxiliava Sr. Sete Covas, pediu licença a ele e imediatamente providenciou um charuto e um marafo para Sr. Sete Cipoadas, e em seguida encaminhou-o para um espaço onde ele pudesse ficar.

Reencontro

“...Seu Tranca Rua, dá uma volta lá fora...”

Nós não estamos nos conhecendo agora! Estamos nos reencontrando! – **T.R.A.**

Sr. Tranca Rua das Almas estava terminando de atender a última consulente daquela leva quando Célio perguntou se poderia trazer os últimos e Sr. Tranca Rua das Almas disse que não, pois havia um grande amigo dele precisando de auxílio.

Célio sem compreender, mas sabendo do jeito peculiar de Sr. Tranca Rua das Almas nada disse e voltou à cambonar Sr. Sete Covas.

Passados alguns minutos, Sr. Tranca Rua das Almas se levanta da mesa, dizendo aos médiuns que mantivessem o pensamento focado e não o desviassem por nada. A menina que sentava à outra cabeceira desde o início dos trabalhos, Fernanda, agora não mais com olhar curioso, mantinha-se em absoluto silêncio, parecendo compreender que naquele instante parte da gira estaria aos cuidados dos médiuns da mesa, não podendo haver nenhum tipo de deslize.

Sr. Tranca Rua das Almas sai do terreiro e se dirige à um carro que havia entrado a poucos instantes no terreno do Templo. Acompanhado por Ariomar, Sr. Tranca Rua das Almas pede para que o motorista do carro, um Taxi amarelo, saísse do carro para vir falar com ele. O homem não compreende, e com olhar desconfiado diz:

- Boa noite, eu só vim aqui buscar um passageiro que marcou comigo neste horário. Não quero nada não!

Sr. Tranca Rua das Almas solta uma gargalhada e diz ao homem:

- Ôh, seu babaca! Se você não sair já desse carro para vir aqui falar comigo vou tratar de enfiar essa bengala eu um de seus orifícios, provavelmente no mais escondido. E dá uma estridente gargalhada

O taxista, bastante assustado com aquilo, salta do carro, caminha ressabiado até Sr. Tranca Rua das Almas e estendo sua mão disse:

Boa noite! Me chamo Alfredo e como já havia dito, estou aqui apenas para buscar um cliente que marcou comigo nesta exata hora! O senhor poderia me dizer se ele ainda está aí?

Sr. Tranca Rua olha para dentro do terreiro e diz:

- Seu Alfredo, Alfredo sem H e apenas um D ou possui escrita diferente?

Alfredo, intrigado, mas achando graça na pergunta, responde que seu nome era falado exatamente como era escrito. Sem H e apenas um D.

Sr. Tranca Rua das Almas então apertando a mão de Alfredo diz a ele:

- Meu nobre amigo, não estamos nos conhecendo agora. Somos velhos companheiros de tempos remotos, os quais me recordo perfeitamente por não ter, neste instante, a limitação do corpo carnal.

Me chamo Tranca Rua das Almas, amigo leal, companheiro de todas as horas, pequeno trabalhador da Sagrada Lei de Umbanda. Tenho lhe observado e auxiliado em toda a sua trajetória, mesmo nos tempos que o senhor não estava “muito bem da cabeça”.

Alfredo olhou para Sr. Tranca Rua das Almas e com um ar de medo perguntou:

- Olha... eu não gosto de macumba não, com todo respeito a religião do senhor, mas eu definitivamente não gosto. Tive uma experiência bem ruim há alguns anos e com certeza não vou passar por outra igual.

Sr. Tranca Rua se vira para Ariomar e solicita que o mesmo busque o seu marafo que havia deixado sob a mesa e que trouxesse também um papel e um lápis. Voltou-se para Alfredo e disse:

- O senhor está no mínimo equivocado com as suas considerações e se me permitir lhe direi o motivo. O senhor jura dizer a verdade e somente a verdade em nome de Deus?

Alfredo mais intrigado ainda, respondeu que sim. Então, Sr. Tranca Rua da Almas continuou a falar:

- Em um terreiro que o senhor visitou há mais ou menos doze anos, houve um fato que lhe marcou profundamente. Uma médium escura, bem baixinha e troncuda, incorporada, vestida de capa, cartola e bengala além de fumar charuto e beber marafo, ao te avistar na entrada do terreiro soltou uma gargalhada e disse que estava ali te aguardando há muito tempo lhe chamando pelo seu nome. Não foi exatamente assim?

Alfredo com os olhos arregalados nada respondeu e Sr. Tranca Rua das Almas continuou:

- Ao término dos trabalhos, quando o senhor já havia inclusive esquecido do fato e se preparava para ir embora, essa médium, agora a única a estar incorporada, lhe chamou e disse que

não fosse embora, pois ainda não haviam conversado. O senhor alegou que tinha horário, pois precisava trabalhar e essa médium riu do senhor dizendo que o senhor estaria indo para uma grande cilada cheia de mulheres e bebidas. Lembra-se?

Alfredo mantinha-se em total silêncio, como se estivesse congelado em uma determinada posição. E Sr. Tranca Rua das Almas acrescentou:

- Esta médium após terminar de conversar com a última consulente, foi em sua direção e estendeu sua mão, chamou-o de babaca e disse que vocês eram amigos de longa data. Disse ainda que estava bastante preocupado com você e se apresentou como Tranca Rua das Almas.

Só um detalhe, disse Sr. Tranca Rua das Almas, o senhor entrou naquele terreiro apenas para saber se realmente esse "negócio" de espírito que adivinha a vida dos outros era verdade né?

Alfredo, agora perplexo por estar relembrando a longa conversa que havia tido com Sr. Tranca Rua das Almas naquela ocasião e mais ainda por estar reencontrando-o, novamente "por acaso".

Ariomar chega esbaforido dizendo a Sr. Tranca Rua das Almas que tinha um consulente passando muito mal e que havia desmaiado na assistência. Sr. Tranca Rua das Almas instrui Ariomar a colocar o assistente na maca de cura e deixa-lo lá. Ariomar entrega a garrafa de marafo para Sr. Tranca Rua das Almas, deixa com Alfredo uma prancheta e um lápis e volta rapidamente para dentro do Templo.

Alfredo esboçando preocupação pergunta a Sr. Tranca Rua das Almas se não era melhor ele ir ver o que estava acontecendo e obteve a seguinte resposta:

- Meu amigo, quem não houve conselho ouve coitado. Aquele é outro babaca que foi colocar a mão em mandinga sem sequer possuir um patuá.

Sr. Tranca Rua das Almas fecha os olhos, dá três baforadas no charuto, bebe um gole do marafo e canta:

“...A bananeira que eu plantei a meia noite e que deu cacho na beira do caminho, eu quero ver essas cabras que é valente, que risca ponto contra feiticeiro. Exu pisa no toco, Exu pisa no galho, o galho balança e Exu não cai, ôh, Ganga! Êh, Exu, ele pisa no tronco de um galho só. Chuva com vento não me molha e sereno que me molhar ôh, Ganga! Êh, Exu, ele pisa no tronco de um galho só. Marimbondo pequenino botou fogo na palhoça ôh, Ganga! Êh, Exu, ele pisa no tronco de um galho só. Sobe morro, desce serra quem toca demanda é que vence a guerra...”

Alfredo havia escutado este ponto cantado pelo próprio Tranca Rua das Almas quando, naquela ocasião, há doze anos, durante sua conversa com o Exú, havia relatado que uma cliente ameaçara acabar com a própria vida de qualquer maneira, pois jamais se sentiu tão humilhada por homem algum, sendo ela rejeitada por Alfredo. E, Sr. Tranca Rua das Almas disse que desmancharia essa demanda, enquanto cantava o ponto.

Sr. Tranca Rua das Almas, após firmar o ponto continuou a falar com Alfredo:

- Meu nobre amigo, podemos agora falar do seu atual momento? Precisamos mudar a sua trajetória, pois está indo de encontro à um abismo do qual o senhor não sairá tão cedo. Não me preocupo se o senhor vai voltar aqui, ou se vai virar pastor de igreja. Isso, definitivamente, não me interessa.

A sua situação atual é uma bomba relógio. O senhor perdeu a sua placa de taxi, que se bem me lembro era AUE 2721; começou a ter relacionamentos extraconjugais com mulheres que nada lhe traziam exceto despesas e dores de cabeça; se envolveu com empréstimo de dinheiro e para pagar foi um Deus nos acuda... E, além disso, ainda se envolve com uma mulher problemática. E pior, casada! E o senhor, veja bem, ainda está casado!

Sabemos os dois que sua esposa já nem fala mais com o senhor, se não for extremamente necessário. E, já deixou claro, que assim que for possível, irá retornar à casa dos pais. É uma mulher de tanto brio que não consegue te deixar na situação que o senhor se encontra.

Alfredo, agora demonstrando grande chateação, diz ao Sr. Tranca Rua das Almas:

- Mas, o senhor sabe que eu comecei a aproveitar um pouco mais a vida depois que, ao retornar àquele terreiro e não o encontrar, uma pomba-gira que dizia trabalhar junto com o senhor me disse que eu precisava me tornar mais livre, pois eu era um homem quase castrado.

Disse que a minha esposa me controlava muito e que isso não daria certo por muito tempo. Disse ainda, que me protegeria sempre porque havia gostado de mim. Falei com ela sobre a minha intenção em trair a minha esposa, pois estava tudo muito monótono, mas tinha muito medo de que isso causasse mal a ela. E a Pomba-gira me disse que não haveria problema desde que mantivesse minhas obrigações de marido em dia, além de ter que pôr toda segunda-feira uma garrafa de sidra e uma vela preta e vermelha na porta de um cemitério.

Me disse que eu iria prosperar muito e pediu de presente um cordão de ouro, pois isso não seria nada comparado ao que eu teria. Na hora, não gostei desse negócio de dar presente, mas a coisa foi caminhando tão bem durante o primeiro mês, tudo dando muito certo, que voltei lá mais uma vez e entreguei a ela um cordão de ouro como havia me pedido.

Nesta ocasião, me disse que se chamava Pomba-gira do cemitério e que eu me surpreenderia muito mais com as coisas que ela faria por mim.

Nos primeiros meses, realmente, estava tudo às mil maravilhas. Só que após o terceiro mês, tudo desandou. Bati com o carro e quebrei clavícula e canela, tive que ficar três meses sem trabalhar. Mandei concertar o carro para alugar durante esse tempo e no primeiro mês de aluguel, o miserável que alugou deu perda total no carro em um acidente cinematográfico.

Comecei a ser chantageado pela mulher com quem mantive um namoro todo esse tempo. Ela dizia que se eu desse um jeito de continuar a ir vê-la e ajudá-la a pagar o aluguel como vinha fazendo, iria na minha casa contar tudo para minha esposa e ainda falaria berrando para todos os vizinhos saberem. Disse que transformaria minha vida em um inferno.

Meu filho adoeceu de tuberculose e para melhorar tudo minha mãe estava para ser despejada da casa dela, pois não pagava as prestações há mais de um ano. Viciou-se em bingo e gastou todas as economias. Se não fosse eu ter entrado naquele centro de macumba nada disso teria acontecido.

Sr. Tranca Rua das Almas com o olhar sério, tocou no ombro de Alfredo e disse:

- O Senhor de fato e direito é um grandessíssimo babaca. O senhor traiu sua esposa porque já estava em seus planos fazer isso e não foi com uma única mulher que o senhor se relacionou durante este tempo, só precisava de um pretexto para colocar em prática seus desejos carnais. Acreditou em tudo o que ouviu porque lhe era interessante tudo aquilo. Onde já se viu, na Sagrada Lei de Umbanda, um espírito que diz estar aqui pela caridade, para ajudar na evolução dos encarnados, à coloca-los na “linha” começar a pedir bens materiais? Isso não era porra de espírito nenhum, e eu já havia alertado o senhor na nossa conversa passada! Sempre foi a médium querendo ganhar coisas às custas da inocência, desespero e GANÂNCIA dos outros. No seu caso, GANÂNCIA!

Ariomar, esbaforido, interrompe a conversa de Sr. Tranca Rua das Almas alegando que tinha uma entidade manifestada na médium Josete dizendo que estava ali para acabar com a vida de uma pessoa.

Sr. Tranca Rua das Almas manda que ele retorne para dentro do Templo e diga a Célio que todos se mantivessem em prece silenciosa, pois essa entidade não teria forças para tomar qualquer atitude e já estaria sob o guarda de alguns exus.

Sr. Tranca Rua das Almas deixou claro à Ariomar que estava lá fora, mas também estava lá dentro tomando conta da gira.

Ariomar, ainda meio ressabiado, volta às pressas para dentro do Templo a fim de passar rapidamente o recado para Célio.

Antes de Alfredo esboçar qualquer palavra, agora com semblante sereno, como é o habitual, Sr. Tranca Rua das Almas continuou a falar:

- Amigo não é aquele que apenas senta com você para beber e falar da vida alheia ou de assuntos frívolos ou até mesmo te apoia nas decisões mais estúpidas. Amigo, Alfredo, com paciência e

altivez, tenta mostrar o melhor caminho. Tenta por inúmeras vezes fazer com que o outro considere, pondere, pense várias vezes antes de tomar atitudes que podem ferir a si mesmo e a seu próximo. Amigo, meu amigo, não apoia esse monte de besteira que o senhor veio fazendo, mas, está sempre junto para dividir as dores e dissabores. Tranca Rua das Almas, amigo fiel, companheiro de todas as horas!

Alfredo, agora parecendo que acabou de tomar um imenso corretivo como um filho quando tenta justificar a seu pai coisas erradas que fez, procura alguma coisa para dizer, mas nada lhe vem à mente, apenas a consciência pesando e os olhos querendo marejar.

Sr. Tranca Rua das Almas, bebe mais um gole de marafo, estende a mão à Alfredo e diz:

- Meu amigo, eu vou te ajudar. Mas não pense que será fácil a caminhada inversa. Não é possível desfazer nada daquilo que foi feito, porém podemos juntos retomar o caminho que o senhor desviou quando pegou este atalho. Não mais procure nenhuma outra mulher, não mais diga a sua esposa que não suporta mais o seu silêncio, não mais deixe de dar um bom dia e um boa noite a ela e, por fim, te aguardo no próximo sábado aqui, às dezenove horas e trinta minutos. Temos um trato?

Alfredo aperta a mão de Sr. Tranca Rua das Almas e o abraça com muita força, caindo em prantos, aliviando um pouco do peso que carregava em sua alma.

Célio, mantendo-se atento à gira e principalmente vigiando Josete, toma um susto quando escuta alguém pulando com os dois pés no chão bruscamente. Era o homem que estava desmaiado na maca, atrás de dele, que se levantou-se com um impulso só. Neste instante Josete desfalece na mesa e é amparada por Ariomar, que diz:

- Valei-me, meu Pai Ogum. Proteja sua filha. OGUM, OGUM, OGUM!

E como que em um passe de mágica, Josete se levanta e brada alto. Estava ela, agora, incorporada com um Caboclo de Ogum, Sr. Beira-Mar.

Sr. Tranca Rua das Almas adentra o Templo e saúda o Caboclo de Ogum, solicitando que Ariomar volte ao atabaque e tocasse para Ogum.

Ariomar rapidamente bate no atabaque e com toda sua devoção começa a cantar:

“... PATACORI MEU PAI OGUM! OGUNHÊ! Se a sua espada brilha no raiar do dia, Seu Beira-Mar é filho da Virgem Maria. Seu Beira-Mar, beirando areia, Seu Beira-Mar é filho da mamãe sereia...”

“...Beira-Mar, auê, Beira Mar, Ogum já jurou bandeira, nos campos do Humaitá. Ogum já venceu demanda, vamos todos saravá...”

Sr. Beira-Mar dançou por todo o tempo que os pontos duraram e, ao final, se despediu com seu vibrante brado e seguiu para a terra que aportam esses sagrados sentinelas.

Josete, ainda muito atordoada com o acontecido, segue em direção a Sr. Tranca Rua das Almas e o abraça como forma de agradecimento por ele estar ali olhando por ela. Sr. Tranca Rua das Almas pede à Ariomar que pare o atabaque e retorna, junto com Josete, para a mesa.

Sr. Sete Covas já estava se preparando para atender outro consulente, quando viu aquele homem saltar da maca, caindo de pé ao seu lado. Pegou-o pelo braço com firmeza, olhou nos olhos do homem e disse:

- Aqui você não tem força e nem autoridade. Vai ficar aí parado, quietinho, até a sua vez chegar. E acredite, já está chegando! E gargalhou alto, ordenando mentalmente para que seus subordinados o mantivessem estático. E, como um pedaço de pau fincado ao chão, o homem permaneceu.

Aquele era o mesmo homem que o Dirigente havia notado antes do início da gira, adentrando no terreno do Templo. Trazia acoplado ao seu corpo por fios energéticos escuros um espírito que, à primeira vista, parecia um sofredor buscando se manter junto a algum encarnado, para continuar a experimentar algumas sensações, que só são possíveis no mundo material. Mas, foi só impressão.

Demanda

“...De dia quem manda é o sol, de noite...”

Somos parte de uma grande família espiritual! – **T.R.A.**

Sr. Tranca Rua das Almas, sentado à mesa, acabava de atender o último consulente da noite e pediu para que só ficassem no abaçá, os médiuns que estivessem incorporados com seus guias, os que estavam na mesa e Ariomar. Pediu para que toda a assistência fosse para suas casas, pois a gira estava terminada para o público naquele instante. E aos médiuns que não participariam do trabalho, disse para aguardarem fora do abaçá. Jair foi o único na assistência a não se levantar, pois sempre que ia à gira, ficava hospedado na assistência até o dia raiar. Só então se dirigia ao ponto de ônibus e retornava para casa. Sr. Tranca Rua das Almas pareceu não se incomodar com a presença dele.

Ficaram no terreiro o Sr. Tranca Rua das Almas, Josete, Arnaldo, Célio, Ariomar, Dona Sete, Sr. Sete Covas, Dona Padilha, Sr. Marabô e Sr. Sete Cipoadas. Fizeram uma roda ao redor do homem que estava parado próximo a imagem de Omulu e Sr. Tranca Rua das Almas pediu total concentração dos médiuns da mesa, em especial daqueles que estavam fora do abaçá, alertando

a todos que qualquer vacilo traria consequências graves e começou a cantar:

“...Sr. Tranca Rua meu amigo meu camarada, meu companheiro nesta minha longa jornada, vem, vem na Umbanda trabalhar, vem na fé de Oxalá para seus filhos ajudar...”

“...De longe eu vejo, papai na Aruanda, ah tão bulindo, ah tão mexendo, ah tão bulindo no terreiro de Umbanda...”

O homem começou a tremer seu corpo inteiro, caiu no chão e ficou em posição fetal durante muito tempo. Sr. Tranca Rua das Almas pediu que Ariomar parasse o atabaque, e o homem voltou a se levantar, porém parecendo um corcunda.

O homem fazia sons altos e incompreensíveis aos ouvidos humanos. Olhava bruscamente para um lado e para o outro como se estivesse procurando a causa de estar ali, sem conseguir fugir. Sr. Tranca Rua das Almas pronunciou algumas palavras, que não podiam ser ouvidas por quem não estava dentro do abaçá e voltou a cantar:

“...Sete facas encravadas, em cima daquela mesa, saravá. Seu Marabô que é o dono da magia negra. Mara, Marabô é mojubá. Quem se lembra de Exu, é Marabô, é mojubá...”

Depois, diz mais algumas palavras e continua a cantar:

“...Exu alalô alalô alaloê, olha pula de lá, vem cá, ôh Veludo. Olha pula de lá, vem cá! O mato está mexendo, levanta o pé, chama sua povo, eu quero ver quem é. Óh lua, Óh lua. A lua clareou, eu pensava que era dia, mas a lua me enganou...”

O homem, agora parecendo ter recobrado a consciência, ruge alto como se estivesse sentindo uma dor insuportável, põe as mãos na cabeça suplicando para que “ele” não o levasse junto e em seguida caiu no chão, desfalecido.

Sr. Tranca Rua das Almas cantava mais ainda, manipulando uma quantidade de energia que podia ser sentida até pelo mais relapso médium.

“...Meia noite o galo canta, o galo canta, galo canta no terreiro, no terreiro, diz que a pemba de Umbanda tem mironga, aonde canta Exu Guerreiro, Exu Guerreiro...”

Novamente, Josete sente a presença maligna do mesmo espírito que a “tomou” minutos antes, só que desta vez com muito mais força e dotado de grande sentimento de ódio. E Sr. Tranca Rua das Almas, sabendo do que estava para acontecer, pede a Ariomar uma nova pausa no atabaque e, em seguida, diz a Josete:

- A irmã está sendo utilizada pela espiritualidade para ajudar a salvar a vida deste homem. Não tenha medo, pois estamos aqui para lhe proteger e logo será finalizado o trabalho. No entanto, preciso que a senhora mantenha a calma, confie em nós e inunde seu coração de compaixão, pois agora, é a parte crucial.

Sr. Sete Covas pergunta mentalmente a Tranca Rua das Almas se poderia resolver do jeito dele aquela situação, pois estava perdendo a paciência com aquele espírito e Sr. Tranca Rua das Almas respondeu que era necessário todo aquele procedimento minucioso já que a mente daquele homem estava bastante prejudicada, assim como seu períspirito, devido ao longo tempo de “simbiose” que havia entre dos dois. Uma desconexão repentina traria sérios danos para ambos.

Sr. Sete Covas compreendeu a intensão de Tranca Rua das Almas e pediu para que seus subordinados ficassem de prontidão, no lado de fora do terreiro, mais precisamente junto à porta principal que fica quase em frente à entrada da pequena capela.

A capela é um ponto de força das almas e funciona como portal para outra dimensão, o mundo espiritual. Avisou que seria naquele ponto sagrado que tudo isso se finalizaria, e seguiu na corrente, com os outros Exus e Pombas-giras.

Carminha estava na assistência, junto com todos os outros médiuns, quando sentiu um frio na espinha e acabou abrindo os olhos e olhando para frente. Pode ver uma entidade que, naquele instante, se arrastava para longe daquela corrente dos exus, indo em direção à mesa. Nele havia fios que o ligavam ao homem caído no chão. Identificou ainda uma grande quantidade de espíritos que,

do lado de fora do abaçá, mais precisamente na porta de entrada do terreiro, estavam vestidos com roupas fúnebres parecendo esperar a saída de alguém.

Carminha volta sua atenção para a mesa e consegue ver uma mulher com roupas claras e um homem negro com vestes que mudavam de forma o tempo todo, ambos tocando as mãos dos dois médiuns que estavam sentados, tranquilizando-os e ajudando-os em manter a mente focada na corrente.

Carminha olha então para o gongá e vê um homem vestido com roupas clericais reluzentes e um semblante bastante sério, segurando um artefato longo e brilhante, como se fosse um cajado, com uma estrela de seis pontas em uma das extremidades e vários símbolos em volta dela.

O homem parecia estar observando o desfecho daquela situação. Carminha, encantada com aquele artefato não consegue desviar o olhar, e é advertida por Dona Sete:

- Minha moça, poderia voltar a fechar seus olhos? Nada há aqui de interessante para você ver neste momento. A curiosidade matou o gato e a gata também!

Carminha rapidamente voltou a fechar seus olhos e em seguida ouviu Sr. Tranca Rua das Almas falar para todos:

- Aqui está um médium de Umbanda que jogou parte de sua vida fora e abdicou de seu livre arbítrio. Fez isso, conscientemente, quando resolveu que não viveria mais em dificuldade financeira e se envolveu com magia negra, realizando trabalhos diversos e incontáveis pactos.

Vejam aqui, meus irmãos, a que ponto chega a necessidade do homem em TER, ao invés de SER. Este homem até seus vinte e seis anos era um trabalhador incansável da Sagrada Lei de Umbanda, médium de transporte e de cura. Estudava com afinco e sempre buscava novas maneiras de auxiliar mais os que sofriam através de suas faculdades mediúnicas. Só que, em um momento de provação material, foi acometido por um desespero tamanho que não via saída rápida ou fácil para a situação em que se encontrava.

Pediu auxílio aos mentores da casa que trabalhava e obteve como resposta apenas que tivesse paciência, pois aquele momento

era necessário e, que ao passar por tal provação, chegaria à um novo patamar mental e espiritual.

Não aguentou a pressão que seus amigos faziam quando perguntavam se era certo ele ir três vezes por semana ao seu centro, gastar quase metade do seu tempo em favor de pessoas que ele nunca havia visto e, ao final, ficar naquela situação deplorável.

Infelizmente abriu campo para o plantio da semente do materialismo e permitiu que as palavras de outros a regassem. Essa árvore cresceu rapidamente e deu frutos podres, como era de se esperar.

Com isso, veio a mudança em seu comportamento. Passou a achar que deveria ser recompensado por tudo aquilo que fez, ou achava que fez, pelas pessoas que foram assistidas por seus mentores. Entendeu que merecia uma condição diferenciada, esquecendo de um dos maiores princípios da espiritualidade: “Dai de graça, o que de graça recebeste”.

Vejam, meus irmãos! O planeta Terra está em mudança e só não vê, quem não quer. Não existe mais espaço para espíritos, que encarnados, buscam apenas os bens materiais, prazeres passageiros ou compensação por aquilo que fizeram em favor de outros.

Os últimos espíritos desta leva de devedores já estão encarnando, e ao finalizar, não mais virão outros na condição de resgate cármico. Há mais de dez anos que estão vindo, em proporções pequenas, mas contínuas, espíritos com alto nível intelectual e moral. Estes vêm para ajudar a humanidade nesta transição que o planeta está sofrendo, separando o joio do trigo.

Mas o Pai que está no céu ama a todos com tanta intensidade e de forma tão igualitária, que estes irmãos, que não aproveitarem a sua oportunidade neste planeta, e muitos não aproveitaram, serão transportados para um planeta em fase inicial de desenvolvimento.

Reviverão a Idade das trevas, da caverna, pedra lascada e polida e assim por diante. Há alguns será atribuída a missão de auxiliar esses seres primitivos em sua evolução, a outros será dada a tarefa de conviver fisicamente com eles, também os auxiliando,

com toda dificuldade que existirá, na descoberta do fogo, de ferramentas e assim por diante.

Os médiuns, de olhos fechados, ouviram aquilo tudo e redobraram naquele instante a atenção e concentração no trabalho que ali estava sendo realizado.

O homem começa a se mexer e a recobrar lentamente sua consciência, muito abatido e demonstrando um profundo cansaço. Sr. Tranca Rua das Almas, então, estende sua mão para ajudá-lo a se levantar e diz:

- Meu amigo, foste trazido até aqui por força desse seu companheiro inseparável, Exu Tiriri, que com tremendo esforço conseguiu abrir uma brecha em sua mente deturpada e conduzi-lo até este sagrado templo de Umbanda. Como diz o ponto: *"Tiriri quando trabalha, trabalha devagarzinho, toma conta e presta conta vai abrindo seus caminhos"*.

Já este espírito que ajudou o senhor a conquistar bens materiais de forma bastante duvidosa, é um nômade que provavelmente foi expulso de seu grupo, portador de grande conhecimento energético adquirido durante muitas encarnações. Ele conseguiu fixar as intenções dele em seu campo mental, e no meio deste processo, todos os valores que o senhor aprendeu junto a seus pais carnais e dentro do centro que o senhor trabalhou foram deturpados ou esquecidos.

Este espírito utilizou o senhor para atingir alguns de seus desafetos do passado, os quais estão encarnados, além de fazê-lo literalmente de marionete este tempo todo.

Tudo isso aconteceu por causa da sua escolha de possuir coisas que não estavam em sua trajetória, naquela época. Mantendo este pensamento de ter uma vida abastada e mais fácil, o senhor optou por não mais trilhar o caminho reto, o único caminho seguro.

Sempre que se pega um atalho, caminha-se por terras desconhecidas, podendo não chegar a lugar algum. Mas o senhor chegou, não é? Chegou ao fundo do poço e simplesmente deixou-se levar pela maré, pois já não havia qualquer tipo de esperança de redenção para você. Não era dessa forma que pensava?

O homem, agora de pé, mas completamente atordoado, se apoiando em Sr. Tranca Rua das Almas, com olhos fechados diz, com dificuldade em encontras as palavras, que não sabia que aconteceria aquilo tudo e nem que seria daquela forma. Disse ainda que sentia que uma parte dele havia sido retirada e que o vazio dentro de si era imenso.

Sr. Tranca Rua das Almas, acena para Dona Padilha que começa a falar:

- Filho, por quanto tempo eu esperei para poder falar com você novamente. Reconheça aquela que sempre esteve ao seu lado junto com Tiriri. Me chamo Maria Padilha das Sete Encruzilhadas e temos a nossa história gravada em nossos corações, não é mesmo?

O homem, ainda atordoado, mas consciente do que estava acontecendo ali, olha para Dona Padilha e demonstra grande surpresa dizendo:

- Ôh, minha mãezinha! Ôh, minha mãezinha! Quantas vezes te chamei durante esses longos quinze anos e sequer tive a sensação de sua presença.

Dona Padilha chega próximo ao homem e continua a falar:

- Filho, estivemos ao seu lado todo este tempo. Tentamos por diversas vezes intuí-lo a parar de alimentar aquela ligação com esse ser rasteiro, mas você não nos ouvia. Eu ouvi todos os seus chamados e respondi a todos eles. Só que seus ouvidos estavam tapados pelas suas próprias mãos. Fomos até seus familiares, intuindo-os à sempre tentar um diálogo com você, mesmo que por poucos instantes.

Tentamos diversas formas de fazer com que você recobrasse a consciência, mesmo que por um instante, para que pudéssemos falar-lhe diretamente, porém sem sucesso. Mas isso não importa agora, trataremos desses assuntos mais tarde durante seu próximo sono, quando poderemos falar mais abertamente e realizar os curativos mais urgentes; os de sua alma.

Dona Padilha, por ser membro integrante da coroa mediúnica daquele homem, e ter uma ligação antiga com ele, avisa para os demais Exus, mentalmente, que o tempo dele na Terra seria, depois deste trabalho, muito breve.

Tentaria junto com os outros guias minimizar os danos realizados a ele, no intuito de impedir nova simbiose após o desencarne, o que facilitaria e muito esta prática. Ela tomou-o em seus braços com um abraço afetuoso e cantou:

“... Aonde reina a paz, aonde o bem reluz, é na Sagrada Tenda do Mestre Zauhr. Mestre, Mestre, Mestre, meu mestre Zauhr. Conduza este filho ao caminho da luz. Luz de Aruanda, luz de Omulu, luz que nos ampara, Ó mestre Zauhr...”

Zauhr era o nome místico do mentor daquele Templo. Era um preposto do Senhor das, na linha do Oriente, e tinha por missão resgatar e conduzir almas perturbadas à um estágio de mudança, algo parecido com a reforma íntima entre os encarnados. Atuava também na seara de resgates de prisioneiros, de magos negros, encarnados e desencarnados. Era um espírito de alta envergadura moral. Foi ele quem Carminha havia visto diante do gongá.

Energias de diversas cores transpassavam rapidamente pelo corpo do homem, todas vindas do gongá e retornando a ele. Com um suspiro longo, o homem perdeu a consciência e desfaleceu. Só que com um semblante mais sereno e foi levado por Ariomar e Célio novamente para a maca.

Na mesa, os dois médiuns com o auxílio daqueles dois espíritos, conseguem paralisar aquela entidade que rastejava, agora sem os fios que a ligavam ao homem.

Demonstrando uma raiva sem medidas, maldizia a todos que conseguia ouvir e lançava, como se fossem tentáculos de um polvo a apanhar uma presa, esses mesmos fios escuros na direção de todos os médiuns presentes que estavam desincorporados sem sucesso algum, pois em todos os lugares havia trabalhadores espirituais bloqueando suas investidas.

Tentou por mais uma vez controlar o homem que havia sido liberto a poucos instantes. Neste momento, Sr. Sete Covas, ao receber o aval de Tranca Rua das Almas, ordena aos espíritos que estavam aguardando na porta principal do terreiro, que entrassem, pegassem aquele espírito e o conduzissem para a entrada da capela.

Lá estavam aguardando com o portal aberto, outros de seus subordinados, e também um outro espírito vestido com roupas parecidas com as que os inquisidores utilizavam no século quinze, que disse ao espírito rebelde:

- Nas almas não há esconderijo, nas almas não há engano, nas almas você foi descoberto e pelas almas você será levado.

Aquele espírito havia utilizado seu conhecimento para mudar sua aparência, desde sua fisionomia até suas vestes, assumindo a forma de um espírito sofredor que estava apenas acompanhando um encarnado, por força de suas necessidades ilusórias.

Agora, descoberta sua verdadeira aparência, tinha a face deformada, muitas feridas nas mãos e os pés eram apenas ossos, provocados pelas décadas de permanência no mundo físico e pela manipulação de energias pesadas. Seu corpo era coberto por um manto negro com um símbolo vermelho em suas costas, era um símbolo conhecido por todos aqueles espíritos que estavam ali e atestava o grau de domínio energético dele e seu alto grau nas lidas malfeitoras.

Sem mais delongas, o espírito é encaminhado até o portal e segue para o mundo espiritual esbravejando e tentando se livrar das amarras mentais que o mantinham preso. Era como um leão faminto e moribundo, já sem sua vaidosa juba, preso em uma jaula sentindo o cheiro de pedaços de carne fresca sem, no entanto, poder alcançá-la.

Sr. Tranca Rua das Almas voltou a sentar-se à mesa, pediu para que os médiuns que estavam do lado de fora do abaçá se enfileirassem na frente do gongá e começou a cantar:

“... Sr. Tranca Rua, me cobre com a sua capa. Quem tem sua capa, escapa. A Sua capa é um manto da caridade, sua capa cobre tudo só não cobre a falsidade. Sua capa cobre tudo, só não cobre a falsidade...”

“...Caminhei, caminhei, caminhei mas encontrei, um Exu amigo, Tranca Rua é um rei. Um Exu amigo, Tranca Rua é um Rei. Se for doença ela vai curar, se for problema, ele vai te aconselhar. Se for

tristeza ele vai te alegrar, com uma linda música, lá laiá laiá laiá. Com uma linda música, lá laiá laiá laiá...”

“...Subindo, para o alto da colina, encontrei uma casa linda com uma moça formosa. Era pomba-gira com sete rosas amarelas na mão. Era Dona Sete, moça bonita que nos dá sua benção. Sua meta é bondade, com amor e humildade, a prestar a caridade. Filha de Seu Omulu, vem trazendo a sua luz para os filhos de Jesus. Filha de Seu Omulu, vem trazendo a sua luz para os filhos de Jesus...”

“...De Longe eu vi, um atabaque afinado. E ele dizia, tem festa neste reinado. Vi Dona Sete sambar, A Mulambo chegar e a Padilha a cantar... lara, laiá. Moça, hoje a festa é sua, mas aquela porteira é de Sr. Tranca Rua. Moça, hoje a festa é sua, mas aquela porteira é de Sr. Tranca Rua...”

“...Deixe este povo falar, deixa essa gente dizer. Sr. Tranca Rua vem na Umbanda trabalhar, Sr. Tranca Rua é quem vai nos ajudar. Sr. Tranca Rua vem na Umbanda trabalhar. Sr. Tranca Rua é quem vai nos ajudar...”

“...Se quiser me ver, sobe no barranco, ôh, Zé. Se quiser me ver, sobe no barranco, ôh, Zé. O homem é, Tranca Rua de Imbaré...”

“...Tranca Rua e Marabô, são dois irmãos de fé. Tranca Rua e Marabô, são dois irmãos de fé. Tranca Rua olha a rua, Marabô vai ver quem é. Tranca Rua olha a rua, Marabô vai ver quem é....”

Todos os médiuns incorporaram seus Exus e Pombas-giras, vindo um a um saudar Sr. Tranca Rua das Almas, como era o costume e começaram a descarregar seus médiuns.

Com todos devidamente descarregados, Sr. Tranca Rua das Almas pede para Ariomar que toque o ponto de subida dos Exus. Solicitou apenas à Dona Sete que permanecesse, para junto com ele realizar mais um trabalho. Assim, Ariomar cantou:

“...Vai Exu, vai passear. Vai Exu, vai passear. Numa tarde tão bonita numa noite de luar, numa tarde tão bonita, numa noite de luar...”

Os guias se despediram e quase simultaneamente deixaram seus médiuns, todos com sensação de bem-estar e vigor renovado.

Dona Janaina, ao desincorporar, fica perdida sem saber o que havia acontecido, mas percebia que dentro de si habitava uma paz que há muito não era por ela sentida. Dona Sete se volta a ela e diz:

- Filha, aos poucos você vai compreender que tudo aquilo que você mantinha dentro de sua cabeça era apenas preconceito em relação a nós, Exus e Pombas-giras. Como diz um ponto *“Exu é caminho, é energia, é vida, é determinação. É cumpridor da lei, exu é fiel, exu é guardião”.*

Exu é sinônimo de trabalho cerrado dentro da lei cósmica. Hoje, você deu um passo muito importante na sua própria evolução mental e espiritual. Esperamos, todos nós que aportamos neste sagrado templo de Umbanda, que você se permita conhecer mais e mais esse seu amigo de longa data e com isso possa realizar mais e mais caridades em sua casa.

Com isso, esperamos também que você haja na desmistificação dos nomes Exu e Pomba-gira, que são tão incompreendidos por tantos. Vá agora para seu cantinho sagrado e pense a respeito de tudo aquilo que você viu aqui e sentiu aí, dentro de você. Uma boa noite!

Dona Janaina bastante pensativa e ainda tentando se situar se despede de Dona Sete formalmente, vai até Sr. Tranca Rua das Almas, o saúda, agradece pela oportunidade e pela caridade e segue para sua casa com a certeza de que a Umbanda é simples e, ao mesmo tempo, muito profunda em seus mistérios.

Sr. Tranca Rua das Almas pede o silêncio do atabaque e começa a falar:

- Meus irmãos, esta foi uma gira muito especial. Para todos que aqui estiveram foi dada uma oportunidade diferente. Irmãos com os mais diversos problemas, porém todos médiuns em um alto grau de deterioração moral e espiritual. Foi um presente dado não só a eles, mas também a todos que aqui estão.

Umbanda é oportunidade. Oportunidade essa que alguns espíritos devedores recebem, quando encarnam, para se redimir da quantidade de erros que foram cometendo durante suas encarnações e, em alguns casos, auxiliar a outros que necessitam de direção. Aqui, como em qualquer outra casa santa, o amor é a mola mestra. E, é com muito amor, que esta gira vai chegando ao fim.

Antes de partirmos, ainda resta algo a ser feito. Será aberto, naqueles que não possuem esta faculdade ainda desenvolvida, a clarividência por alguns instantes para que presenciem uma manifestação toda especial autorizada pelo nosso Mestre.

Sr. Tranca Rua das Almas vai até o gongá e profere algumas palavras...

“...Oriâma, Kaiamâ, Amborôcoiama. Suriama, Nakaiama, Zimborocoiama. Zurinocolocoiama. Toriamacoiô.”

Dona Sete se posiciona na porta principal do terreiro como se estivesse assegurando que nada atrapalharia aquele instante.

Os médiuns, enquanto olhavam Sr. Tranca Rua das Almas em frente ao gongá, sentiram como se fossem tocados três vezes em pontos específicos em suas frontes, fazendo o formato de um triângulo.

Jair, ainda sentado na assistência, tem sua atenção chamada para a mesa e diz assustado:

- Jamile? Jamile? Sou eu, Jair!

Todos olharam em direção a Jair e depois buscaram o que o fez falar aquilo. Sabiam que Jamile era sua esposa, além de ser uma médium muito antiga naquela casa, que havia desencarnado há muitos anos devido à um câncer de mama.

Os médiuns, virando-se para a mesa, veem três espíritos.

Aqueles que haviam conhecido Jamile a reconheceram na mesma hora e foram acometidos por uma grande emoção, levando-os ao choro de forma copiosa.

Outros ficaram espantados com aquela visão. Dona Dália e Seu Pietro agradeciam a oportunidade de presenciar aquele instante que para eles não havia palavras para detalhar. Télio e Junior se

ajoelharam e começaram a entoar uma prece sem desviar os olhos daquela cena.

Jamile, então, se vira para Jair e com uma doçura que lhe era cabida disse:

- Meu bem-amado Jair. O que tem feito com sua vida? Antes de partir eu havia pedido para que continuasse a viver a plenitude da vida. Disse que nosso amor jamais seria esquecido por nós e nem pelas estrelas, pois sempre foram nossas maiores testemunhas. Disse ainda que chegaria a hora de você, meu amado, constituir uma família, pois era seu grande sonho e pela vontade do Pai não seria comigo.

Jair, eu, como você pode ver, estou bem. Fui amparada após meu desencarne por esse que me tomou como sua discípula, Mestre Zarythi, um espírito que trabalha aqui, em nossa casa sob o nome de Caboclo Tucunã e grande conhecedor dos mistérios do Oriente.

Veja, meu amado. Dentro de algum tempo estarei mais próxima de vocês, atuando no trabalho de cura e como socorrista em nossa colônia espiritual. Estou me preparando para alçar maiores voos, podendo ser mais e mais útil à nossa casa que socorre a tantos sem nada pedir.

Jair, preciso que você entenda que não há mais razão para se manter desta forma, fechado ao mundo. Zauhr, nosso mestre, nos concedeu este momento para que eu pudesse abrir seus olhos para a verdade espiritual e quando fosse a hora poder estar ao seu lado para recebê-lo junto com outros amigos espirituais.

Atrás de Jair, havia um espírito com vestes parecidas com as de um monge tibetano, dando passes magnéticos em seu períspirito e intuindo-o que a verdade espiritual o libertaria de todas as dores que ele sentia.

Então Jair, sem muita força para se levantar como gostaria, e correr para abraçar sua amada, apenas se levanta, em prantos e diz:

- Me leva logo então, Jamile. Me leva agora, por favor! Eu estou pronto desde o dia que você morreu! Me leva, porque eu não suporto mais tanta dor nesse coração. Tá doendo muito, amor. Tá doendo demais.

Jamile, expressando grande preocupação com a intenção contida nas palavras de Jair, o adverte:

- Meu amado, não pense sequer por um instante que a desencarne será a solução de todos os problemas. Quando natural, leva à um caminho e quando não, leva a outro totalmente diferente. Não permita que essa sua dor nos afaste por longos incontáveis anos, pois, percebo que nutriu pensamentos de atentar contra a própria vida.

O suicídio é uma das razões que levam os espíritos à vagarem por terras sombrias, cheias de pavor e ódio, contaminando-os mais ainda.

Jair, prometa-me que esperará o momento chegar, prometa-me que não mais viverá esperando pelo dia seguinte como se fosse o dia do adeus. Prometa-me, pois estou aqui para te dizer que a vida além-túmulo é a verdadeira e aguardá-lo-ei até o dia de nosso reencontro.

A emoção toma conta de todos com o diálogo de Jair e Jamile, mas Zauhr interrompe prontamente e com sua voz grave toma conta de todo o ambiente puxando imediatamente a atenção para si.

Zauhr era o espírito do meio dos três, o mesmo que Carminha havia visto no gongá pouco tempo antes. Estava ele agora iluminado por uma luz muito forte, que alcançava todo o abaçá, porém não feria os olhos. Estava segurando o mesmo artefato que portava anteriormente, só que desta vez a estrela de seis pontas e os símbolos cintilavam com cores jamais vistas pelos encarnados. Disse ele:

- Aos que não nos conhecem iremos nos apresentar, somos Zauhr, mentores espirituais desta casa e trabalhadores, como todos vocês, da Sagrada Lei de Umbanda, na linha das Almas do Oriente.

Logo acima de nós está nosso patrono, Omulu, o Senhor das Almas. Há muito tempo vemos o empenho de todos vocês para darem o melhor de si em prol dos mais necessitados. Vemos o amor que nutrem pela Sagrada Lei de Umbanda e isso nos auxilia muito na manutenção desta casa. A Umbanda é trabalho de corrente e sempre damos atenção especial à cada um dos elos que formam a corrente desta casa. Todos vós tendes dentro de si uma partícula

sagrada e divina que permite serem chamados de imagem e semelhança do criador. A manutenção desta partícula deve ser diária, pois é ela a fonte de toda a força espiritual que anima vossos corpos e mantem a ligação entre os diversos mentais que cada um de vocês possui.

Levem esta experiência vivida no dia de hoje por toda a vida encarnada de vocês, relatem aos que aqui aportarem para trabalhar na Sagrada Lei de Umbanda. Sejam todos vocês os norteadores lúcidos de que todo iniciante na seara espiritual necessita. Retornaremos agora para a pátria espiritual, morada verdadeira dos espíritos, porém deixaremos uma prova contundente de nossa visita nesta noite.

Zauhr se referia a si mesmo no plural. Diante da evolução espiritual e moral que lhe era facultada, já compreendia que a sua própria existência é ecoada por diversos planos espirituais, havendo um Zauhr para cada plano, dentro dos nove conhecidos por alguns encarnados. E que todos juntos animam à cada uma existência, de forma singular.

Neste instante, emanaram do gongá três feixes de luz azul cintilante, atingindo os três copos que estavam sobre a mesa, provocando reações energéticas na água que imediatamente foram conduzidas para as rosas.

Zauhr se despediu, dizendo:

- Essas três rosas ficarão um ano inteiro sem que morram, despetalem ou percam a coloração vívida de agora. Exalarão um perfume diferente à cada gira, para que sirva de atestado da existência de nós, espíritos. Essas rosas deverão sempre ser mantidas dentro deste ambiente.

Jair, a prova que você sempre buscou veio até você. Não há mais razão para que continue desta forma. Liberte-se para que no tempo certo possa estar aqui, conosco, trabalhando para auxiliar a dor de outros e propagando junto conosco a verdade espiritual.

Carmem, mantenha em sua mente cada momento do resgate desse irmão que agora repousa na maca. Lembre-se que a quem muito é dado, muito será cobrado.

Célio, Teseu disse: “Rei morto, rei posto”, eu digo: “Rei vivo, respeito”. Apenas isso lhe falta e sabemos que compreenderá

nossas palavras.

Ariomar, não se preocupe mais com o estado de vossa mãe. Ela se recuperará durante o término da próxima fase lunar.

A todos vocês o nosso mais profundo agradecimento pela labuta espiritual.

E assim, entoando um mantra em língua desconhecida, tal como as palavras que de vez em quando Sr. Tranca Rua das Almas pronunciava durante as giras, Zauhr, Zarythi e Jamile vão sumindo das vistas dos médiuns pouco a pouco junto com a iluminação forte que clareava todo o Templo durante a presença deles.

Carminha, enquanto todos acompanhavam os três sumirem diante de suas vistas, olhou para Sr. Tranca Rua das Almas e o viu em sua forma espiritual. Era um homem alto, claro e olhos de uma cor que lembrava o violeta, mas não era. Suas roupas pareciam as de um Cardeal, mas tinham diversos símbolos nela. Alguns destes símbolos Carminha já havia visto em outras oportunidades quando Sr. Tranca Rua das Almas os grafava nas paredes do Templo. Ele segurava em sua mão esquerda um cajado bastante cumprido, chegando a ter quase seu tamanho. Fechou os olhos e agradeceu em silêncio por ter tido a oportunidade de vê-lo.

Lições

“Hoje eu não quero sofrer, hoje eu não quero chorar...”

Tá tudo certo e tá tudo errado, não tem nada certo e não tem nada errado – **T.R.A.**

Sr. Tranca Rua das Almas, continuou a olhar para o gongá durante um tempo, esperando que todos acalmassem seus espíritos. Um tempo depois, voltou-se para os médiuns e disse:

- Todos os médiuns, neste instante bendito, preparai-vos as vossas mentes para doar um pouco de vossas energias para este

irmão que aqui se encontra desacordado. Não olhemos as suas desventuras, mas o arrependimento que existe em seu coração.

Perguntaram certa vez a Jesus, em sua missão como Cristo, quantas vezes devemos perdoar e sua resposta foi setenta vezes sete. Esse número é apenas uma forma de dizer que o perdão um exercício diário e deve estar a todo tempo sendo praticado por todos nós, em especial todos os que trabalham nas lidas da espiritualidade.

Não há aquele que abra a porta para a mensagem de Cristo e continue o mesmo e os espíritas, me refiro a todos os que creem na existência da pátria espiritual, já nascem com esta porta semiaberta.

Mantê-la fechada é, de fato, um ato de desamor pessoal. Peço agora que façam uma corrente em volta da maca para que iniciemos a irradiação.

Célio, a pedido de Sr. Tranca Rua das Almas cobriu o homem que estava deitado na maca com um lençol branco e pôs um copo de água embaixo da maca.

Todos os médiuns, com exceção de Josete e Arnaldo, que continuaram na mesa, ficaram em volta da maca com suas mãos estendidas e espalmadas para o início da irradiação.

Sr. Tranca Rua das Almas, então, cantou:

“...No Oriente, terra de Abaluaê, acorda quem está dormindo, levanta quem está doente. No Oriente, terra de Abaluaê, acorda quem está dormindo, levanta quem está doente...”

“...Tarimã, Tarimã, Tarimã Iabarecô, Tarimã, Tarimã, Tranca Rua com Atôtô. Tarimã, Tarimã, Tarimã Iabarecô, Tarimã, Tarimã, Tranca Rua com Atôtô...”

“...Na gira de Sr. Tranca Rua, doença já não há agora. Sr. Tranca Rua, na encruzilhada, firma seu ponto ao romper da madrugada. Sr. Tranca Rua, na encruzilhada, firma seu ponto ao romper da madrugada...”

“...Me sara, me cura, Sr. Tranca Rua. Me Sara, me cura, Sr. Tranca Rua, Me sara, me cura, Sr. Tranca Rua. Me sara, me cura, Sr. Tranca Rua...”

“...Surgiu mais uma luz no meu caminho, para minha estrada iluminar, no centro da mata virgem, essa luz não é toda preta, ela é preta e encarnada. Ah, meu Deus, o que será, está linda visão que eu não sei bem explicar. Tinha um lindo ponto riscado, aonde Sr. Tranca Rua seus trabalhos foi confirmar. Tinha um lindo ponto riscado, aonde Sr. Tranca Rua seus trabalhos foi confirmar...”

A maca começou a trepidar diante do tremor do corpo daquele homem. Os copos de água criaram pequenas bolhas como se estivessem lentamente começando a ferver. Todos os médiuns sentiram as mãos formigarem a ponto de não mais senti-las por alguns instantes. Alguns sentiam seu vigor se esvaindo. Era comum naquele Templo esse tipo de trabalho acontecer sob o comando de Sr. Tranca Rua das Almas.

Enquanto todos cantavam e doavam energia, Dona Sete caminhou até os pés da maca, e contemplou a grande dádiva que era peculiar à cúpula espiritual daquela casa.

O corpo daquele homem foi aos poucos parando de tremer. Instantes depois de Sr. Tranca Rua das Almas solicitar que o atabaque silenciasse, o homem abriu seus olhos, agora com feições de quem havia descansado por longos dias, recuperando completamente seu vigor. Dona Sete olhou-o e disse:

- Meu filho, você acaba de receber um presente muito especial da cúpula desta casa. Uma nova oportunidade foi dada a você. Não sei dizer que moldes, mas certamente não mais haverá a brevidade que percebi em seus caminhos. Isto é Umbanda!

Lembre-se, em todos os dias de sua vida, do que aconteceu aqui. Da quantidade de amor que você recebeu de todos nós, encarnados e desencarnados. Olhe à sua volta e veja todos esses médiuns que não te conhecem, não sabem seu nome, não perguntam quais foram as suas faltas e muito menos se o senhor merece receber o que recebeu. E, sabe porquê? Pelo simples fato

de ser a Umbanda o eco das palavras de Jesus há mais de dois mil anos. Amai-vos uns aos outros tanto quanto eu vos amei.

Lembre-se do quão injusto você foi como carrasco de muitos e do seu sofrimento como prisioneiro de apenas um. Não perca mais um minuto sequer de sua vida, pois o tempo urge. Agora levante-se, abrace cada um desses médiuns e siga em direção a sua NOVA VIDA.

O homem, muito envergonhado por ter ouvido aquelas palavras na frente de tantas pessoas, levantou-se cabisbaixo e foi abraçando um a um. Pode ele sentir o amor emanado de cada um daqueles que se predispuseram a estar ali por ele.

Ao terminar de abraçar todos os médiuns, foi em direção a Dona Sete e a abraçou durante longos segundos. Pode ele sentir um abraço de mãe que há muito tempo não sentia. Seguiu então ao gongá, saudou Sr. Tranca Rua das Almas e antes que pudesse dizer qualquer coisa, o Exú estendeu sua mão e disse:

- Não te envergonhes mais pelo que passou. O que passou, passou. Aqui todos somos uma grande família espiritual e nada do que aqui ocorre se torna assunto corriqueiro ou fofoca. Não estamos aqui para julgar quem quer que seja. A Umbanda nada julga e nada condena. O assunto termina quando a gira termina. Como disse Jesus a todos aqueles que alcançam uma cura, vá e não peques mais.

Sr. Tranca Rua das Almas, com dois dedos rígidos, faz o sinal da cruz três vezes na frente daquele homem e o direcionou para a saída.

- Meus irmãos, minhas irmãs. Companheiros desta e de outras jornadas. Nesta noite sagrada, os que aqui estão puderam presenciar a grandeza dos trabalhos na Sagrada Lei de Umbanda. Esta experiência ficará fixada na mente de cada um de vocês.

Sempre que a angústia, o desânimo, o pesar ou o cansaço baterem as vossas portas, lembre-se do que aqui ocorreu. Quem tiver olhos de ver, que veja. Quem tiver ouvidos de ouvir, que ouça.

A cada dia que passa a mensagem espiritual se torna mais clara, mais presente e vem em palavras que são compreendidas por todos.

É preciso que deixem de lados as vossas diferenças em relação às outras searas espirituais, cada um de vós caminha pela estrada que mais lhe agrada. Mesmo dentro dos cultos que visam bens materiais e acabam ajudando a alienar mais ainda a mente daqueles que estão entorpecidos pelos seus sofrimentos e necessidades materiais a mensagem espiritual é difundida.

Alguns a compreendem mais rápido, outros demoram um pouco mais, porém todos terão sua vez. Tudo tem seu tempo e tudo tem sua hora. Respeitemo-nos em nossas diferenças.

Sr. Tranca Rua das Almas pediu à Ariomar que tocasse o ponto de subida de Dona Sete e, em seguida, o seu.

"...Batuquê, batuque, Sete Catacumbas vai embora. Batuquê, batuquê, a sua banda toda chora. Era de madruga, depois que o galo cantou, era Dona Sete na encruza, ela dá sua risada, se despede e vai embora. Batuquê, batuque, Sete Catacumbas vai embora. Batuquê, batuquê, a sua banda toda chora. Era de madruga, depois que o galo cantou, era Dona Sete na encruza, ela dá sua risada, se despede e vai embora..."

Dona Sete Catacumbas abraçou todos os médiuns, saudou Sr. Tranca Rua das Almas e seguiu para a pátria espiritual, deixando sua médium completamente alheia a tudo o que havia acontecido.

Dona Dalva parecia acordar de um profundo sono. Ela era uma das poucas médiuns inconscientes de que se havia notícia. Foi até Sr. Tranca Rua das Almas, saudou-o com um imenso sorriso e abraçou-o com enorme carinho.

Enquanto Ariomar tocava o ponto de subida, Sr. Tranca das Almas saudava cada um dos presentes naquele Templo. Tomou o último gole de seu marafo, colocou-o, vazio, de ponta-cabeça na quina da mesa e antes de "girar" disse:

"...Meu senhor das almas, dizem que Exu não vale nada. Ele é o Rei, Ele é o Rei das Sete Encruzilhas. Meu senhor das almas, dizem que Exu não vale nada. Ele é o Rei, Ele é o Rei das Sete Encruzilhas.

Ôriri que vai-se embora, canário bambear, ele vai e torna a voltar, canário bambear, ele vai pra sua encruza, canário bambear, se precisar é só chamar, canário bambear...”

E Sr. Tranca Rua das Almas caminhou de volta para as encruzilhadas da vida.

O Dirigente Espiritual, assim que desincorporou, se recompôs e continuou a cantar ao som do atabaque que não parava:

“...Eu fecho a nossa gira com Deus e Nossa Senhora. Eu fecho a nossa gira, sambô e pemba de Angola. Eu fecho a nossa gira com Deus e Nossa Senhora. Eu fecho a nossa gira, sambô e pemba de Angola...”

“...Seu Ogum da Estrada, Seu Ogum Beira-Mar, Seu Ogum da Estrada, Seu Ogum Beira-Mar, com licença êh, com licença áh, na fé de Zambi seus filhos vão caminhar. Com licença êh, com licença áh, na fé de Zambi seus filhos vão caminhar...”

“...Graças a Deus, meu Deus. Pelo dia de hoje, louvado seja Deus. Pelo dia de hoje, louvado seja Deus. Graças a Deus, meu Deus. Pelo dia de hoje, louvado seja Deus. Pelo dia de hoje, louvado seja Deus...”

“...Tambor você fica aí, até quando eu voltar. Tambor você fica aí, até quando eu voltar. Adeus tambor, adeus gongá. Adeus a todos os Orixás. Adeus tambor, adeus gongá. Adeus a todos os Orixás...”

Enquanto os médiuns saiam do templo em direção as suas residências, dois espíritos com forma de cadáveres em decomposição permaneciam do lado de fora, a uns trinta metros da entrada do Templo, com olhares gélidos e sem expressar qualquer reação. Pareciam mais com cães de guarda, instruídos por alguém a permanecerem “tomando conta” do local até o seu retorno.

CONTINUA...